



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR PAU DOS FERROS
CURSO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

ANA FLÁVIA ALVES DE BESSA

ANÁLISE ESTÉTICA DO SANTUÁRIO DO LIMA

PAU DOS FERROS/RN

2016

ANA FLÁVIA ALVES DE BESSA

ANÁLISE ESTÉTICA DO SANTUÁRIO DO LIMA

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em CIÊNCIA E TECNOLOGIA.

Orientador: Prof. Dr. Wildoberto Batista Gurgel

Coorientadora: Prof. Me. Ádla Kellen Dionísio Sousa de Oliveira

PAU DOS FERROS/RN

2016

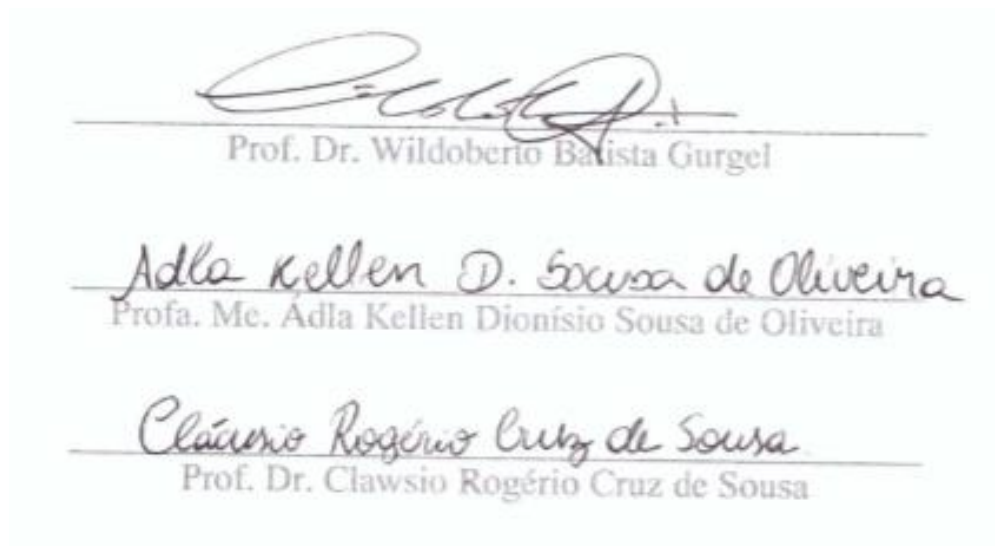
ANA FLÁVIA ALVES DE BESSA

ANÁLISE ESTÉTICA DO SANTUÁRIO DO LIMA

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em CIÊNCIA E TECNOLOGIA.

Defendida em: 10 /11 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Ba Bessa, Ana Flávia Alves.
 Análise Estética do Santuário do Lima / Ana
 Flávia Alves Bessa. - 2016.
 76 f. : il.

 Orientador: Wildoberto Batista Gurgel.
 Coorientadora: Ádla Kellen Dionísio Sousa
 Oliveira.

 Monografia (graduação) - Universidade Federal
 Rural do Semi-árido, Curso de Ciência e
 Tecnologia, 2016.

 1. Santuário do Lima. 2. Estética. 3.
 Significado. 4. Construção Civil. I. Gurgel,
 Wildoberto Batista , orient. II. Oliveira, Ádla
 Kellen Dionísio Sousa, co-orient. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

À Deus,

Por me dar todos os dias uma chance de aprender algo novo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me proporcionar todo dia uma nova oportunidade para aprender com os meus erros e a cada acerto me tornar mais confiante.

Agradeço a minha família, em especial a meus pais, Flávio Bessa e Antonia Nascimento, e a minha irmã Andreza Bessa que não renunciaram a mim e acreditaram na minha capacidade, e sempre me apoiaram nas minhas decisões não me deixando fraquejar ou desistir.

Agradeço também aos amigos que conquistei nessa caminhada, estes que estavam comigo nas horas de desespero das atividades da UFERSA e também nos momentos de descontração e alegrias, além destes, também os funcionários, professores, técnicos, terceirizados e a Rita (funcionária da xerox) que além de bons profissionais se tornam amigos ao longo dessa jornada.

Agradeço também aos seminaristas que concederam entrevista para a confecção deste trabalho.

Agradeço também a meu orientador e a minha coorientadora e agradeço também ao professor Cláwsio Sousa que aceitou o convite de participar da minha banca, colaborando para a realização desse trabalho.

“O maior inimigo do conhecimento não é a ignorância,
mas sim a ilusão de conhecimento”

Stephen Hawking

RESUMO

Santuários são locais em que a arquitetura faz a junção das tecnologias da construção civil com elementos teológicos, além de serem uma edificação encantadora, que surgiram como meio de fortalecer a relação entre o humano e o divino. O referido trabalho tem como foco o Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, conhecido também como Santuário do Lima, cujo objetivo é analisar esteticamente um santuário católico da região do semiárido à luz da simbiose entre os elementos teológicos e da construção civil. Faz uma análise estética hilemórfica (material e formal) do Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, através da reconstrução do simbolismo atribuído à construção, recuperação histórica e diagnóstico do estado de conservação da edificação. A análise estética hilemórfica está fundamentada na análise semiótica do significado, assim a construção será considerada um signo, tanto da fé quanto da arquitetura. Isso porque considera que os santuários católicos, por estarem enquadrados na tradição judaico-cristã, possuem simbolismo peculiar e, geralmente, sua estética reúne características das construções antigas do Templo do Senhor ao Templo de Jerusalém, porém com inovações, desafiando as tecnologias da construção civil bem como o olhar do homem de fé para interpretar o simbolismo presente em cada pedra assentada. Dessa análise foi possível mostrar que esse tipo de construção na região se insere na tradição católica da promessa, ligada ao hábito de construção de santuários em montanhas devotados à Virgem Maria. Seu formato, assemelhado ao cone de uma nave espacial, está estética e teologicamente ligado aos antigos santuários judaicos, embora possua uma conotação trinitária. Portanto, Santuários como o Santuário do Lima não são um simples lugar de culto, tampouco uma simples edificação civil, mas uma mistura de ambos: uma construção civil que deve, ao mesmo tempo, atender aos interesses pagãos e um lugar sagrado que facilite a aproximação do homem com a divindade.

Palavras-chave: Santuário do Lima. Estética. Significado. Construção Civil.

ABSTRACT

Sanctuaries are places where architecture is the junction of the building technologies with theological elements, besides being a lovely building, which emerged as a means of strengthening the relationship between the human and the divine. This monograph focuses on the Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, also known as the Santuário do Lima. The goal is aesthetically analyze a Catholic sanctuary of the semi-arid region in the view point of the symbiosis between the theological elements and construction. It makes a hylemorphic aesthetic analysis (material and formal) of the Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, through the reconstruction of symbolism attributed to construction, historical recovery and diagnosis of building conservation status. The hylemorphic aesthetic analysis is based on the semiotic analysis of the meaning, so the building is considered a sign of faith and architecture. This because it considers that Catholic sanctuaries, because they're covered by the Judeo-Christian tradition, have peculiar symbolism and usually its aesthetic combines the characteristics of the ancient buildings of the Temple of the Lord or the Temple of Jerusalem, but with innovations, challenging technologies construction as well as the view of the man of faith to interpret this symbolism in each seated stone. From this analysis it was possible to show that this type of construction in the state is within the Catholic tradition of promise, connected to the habit of building sanctuaries on mountains devoted to the Virgin Mary. Its shape resembled the cone of a spaceship, is aesthetic and theologically linked to ancient Jewish sanctuaries, although it has a Trinitarian connotation. So Sanctuaries as the Santuário do Lima are not a simple place of worship, nor a simple civil building, but a mixture of both: a construction that must at the same time, meet the pagan interests and a sacred place that facilitates approach man with divinity.

Keywords: Sanctuary of Lima. Aesthetics. Meaning. Construction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Santuário Terrestre ou Tabernáculo	27
Figura 2	Altar do Holocausto	28
Figura 3	Pia de Bronze	29
Figura 4	Candelabro de Ouro	30
Figura 5	Mesa dos incensos	30
Figura 6	Mesa de pães da propiciação	31
Figura 7	Arca da aliança	32
Figura 8	Interior da Arca da Aliança	32
Figura 9	Propiciatório	33
Figura 10	Sumo-sacerdote	34

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Santuário do Lima	39
Foto 2	Antiga Capela do Lima	41
Foto 3	Estrada de acesso a serra do Lima	43
Foto 4	Comparativo das imagens de Nossa Senhora dos Impossíveis.....	44
Foto 5	Pe. Henrique Spitz, MSF	46
Foto 6	Romaria da Juventude, Outubro de 2016	48
Foto 7	Sala dos milagres	49
Foto 8	Capela do térreo do Santuário do Lima	51
Foto 9	Capela do piso superior e seu formato cônico	52
Foto 10	Vista da capela do pátio com o altar de pedra sob o monumento.....	53
Foto 11	Altar igreja inferior	54
Foto 12	Pedra dará embaixo do altar	54
Foto 13	Via Sacra na estrada	55
Foto 14	Vista de cima do Santuário do Lima	56
Foto 15	Antiga estrada – antes de ser pavimentada	59
Foto 16	Construção do altar campal	60
Foto 17	Pórtico da entrada do santuário	61
Foto 18	Detalhe da construção da capela superior.....	61
Foto 19	Motor elétrico inglês Ruston	62
Foto 20	Manifestação patológica (Fissura no chão)	65

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização de Patu no Rio Grande do Norte	38
---------------	--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	18
2.1	Objetivo Geral	18
2.2	Objetivos Específicos	18
3	METODOLOGIA	19
3.1	Referencial Teórico	19
3.2	Materiais e Métodos	22
	CAPÍTULO 1: TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ PARA A	
	CONSTRUÇÃO DE SANTUÁRIOS	26
	CAPÍTULO 2: SANTUÁRIO DO LIMA: UMA OBRA DE DEVOÇÃO	
	RELIGIOSA	38
	CAPÍTULO 3: SANTUÁRIO DO LIMA: UMA OBRA DE	
	ENGENHARIA CIVIL	56
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS.....	68
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	72

1 INTRODUÇÃO

Santuários, em geral, são locais que foram erigidos à condição de território sagrado ou nos quais se pratica alguma devoção religiosa, ou ainda, onde são/estão colocados objetos sagrados (reliquias), para uso cultual ou para sua proteção, ou mesmo como locais nos quais a própria divindade habita. De acordo com Gonçalves (2014, p. 13), desde o paleolítico superior que encontramos evidências de santuários em alguma civilização humana, o que nos leva a crer que “[...] o santuário é comum a toda a humanidade, independente da religião ou do posicionamento religioso”. Do latim, o termo *sanctuarium* é uma derivação de *sanctus*, cuja associação é de inspiração judaico-cristã e pode ter se consolidado mais fortemente a partir da idade média, quando a peregrinação penitente se tornou mais socialmente reforçada.

Nessa acepção semântica, *sanctuarium* é o *locus sacrum*: o local onde o que há de mais sublime se encontra ou vem visitar, mas seu sentido é usado sempre associado a alguma divindade ou evocação desta. Justamente por isso, nas aplicações mais modernas do termo, santuário pode designar o sacrário, onde são guardadas a paxíde ou a custódia, com a hóstia consagrada, mas não designa, por exemplo, um cofre, onde estariam guardados valores e obras importantes ou caras, pois o valor atribuído às riquezas não é o valor de *sanctus*. Por outro lado, uma parede na qual estão apostas fotografias e lembranças de uma família pode ser considerada um santuário doméstico, tais como também o são os oratórios e outros locais de uma casa que podem assumir, temporariamente, o caráter de um oratório (um cômodo pode virar um santuário quando alguém está devotamente assistindo a missa ou o culto que passa na TV). Além desses, há santuários ligados à memória de entes queridos falecidos (o quarto de uma pessoa falecida, o seu lugar que ocupava à mesa, a cadeira na qual se sentava ou o local de sua morte ou sepultamento podem ser erigidos à condição de santuários) ou memoriais a vultos históricos ou religiosos (muitos dos atuais santuários religiosos tiveram a sua origem nessa devoção popular informal).

Apesar de o termo *sanctuarium* ser tradicionalmente usado para designar um local físico imóvel, como os templos, sinagogas, mesquitas ou terreiros, existem também santuários móveis, como exemplifica a Arca da Aliança ou como são os santuários carregados em carroças de peregrinos ou em boleias de caminhão.

Nessa acepção, o termo está associado a tabernáculo (do latim *tabernaculum*), cujo significado remete a tenda, cabana ou barraca.

A associação santuário-tabernáculo deve-se, talvez, à narrativa judaico-cristã de que o Povo de Deus (arameu-hebraico-judaico) teria carregado durante o êxodo até os tempos do Rei Davi suas relíquias, guardando-as em tendas (ou tabernáculos), cuja armação obedecia a uma prescrição divina, conforme se observa em Êxodo 25:8, quando o Senhor (Elohim) ordenara: “E me farão um santuário para que possa habitar no meio deles”, cuja feitura coube a Moisés, seguindo instruções bem específicas: “Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte” (Êxodo 25:40).

Esse tabernáculo estava dividido em três partes, cuja arquitetura, por mais simples que fosse, passou a influenciar os modelos de santuários no ocidente judaico-cristão: o átrio exterior, o santo lugar e o santo dos santos ou lugar santíssimo (Hebreus 9:1-4). Na primeira parte, o átrio exterior, mais externa, eram realizados os sacrifícios e a purificação para se ter acesso ao santo lugar. Nesse ficavam três elementos: o incensário, a mesa dos pães ázimos e o candelabro, tendo-os ao fundo um véu, que separava o santo lugar do santo dos santos, a terceira parte. No santo dos santos se encontrava a Arca da Aliança (essa era a representação da presença do Senhor no meio do seu povo, e costumava acreditar que junto a ela estavam as Tábuas da Lei, a Vara de Aarão e o Maná), cuja tampa, conhecida como Propiciatório, era o lugar da purificação (Êxodo 25:21).

O modelo arquitetônico e estético desse santuário-tabernáculo móvel, também conhecido como Templo do Senhor (I Samuel 1:9), foi aplicado na construção do santuário permanente, conhecido como Templo de Jerusalém (*beit hamiqdash*), cuja feitura original é atribuída ao Rei Salomão, apesar de as fundações e a reunião de boa parte do material para construção terem sido feitas no reinado de Davi.

Quando da construção do Templo de Jerusalém, o Rei Salomão escolheu um lugar alto, na colina do Monte Moriá (posteriormente chamado de Monte do Templo, na região de Haram esh-Sherif), reforçando uma antiga prática de erigir santuários sobre montes. No entanto, o local onde são erigidos santuários depende muito da história de cada povo. Assim, é comum encontrar santuários em planícies, vales ou cavernas subterrâneas, bem como em montes e locais de difícil acesso.

Contudo, em se tratando da prática de erigir santuários em locais altos, essa remonta aos textos e práticas das mais antigas devoções.

Exemplos dessas antigas devoções, o taoísmo e o budismo chineses tomaram para si a ideia de que as montanhas são lugares sagrados. Para essas tradições, existem nove montanhas sagradas na China. Cinco associadas ao taoísmo: Tàì Shān, Huà Shān, Héng Shān (Hunam), Héng Shān e Sǒng Shān; e quatro associadas ao budismo: Wutái Shān, Éméi Shān, Jiuhuá Shān e Putuó Shān. O templo de Roushen, em Jiuhuá Shān, é um exemplo desse tipo de santuário dentro da China, e o Santuário de Wat Phnom, em Phnom Penh/Camboja, é exemplo dessa tradição do budismo fora da China. No Brasil, o Templo Gonpa Khadro Ling, santuário do budismo tibetano, em Três Coroas/RS, ilustra essa tradição.

A mesma prática é encontrada no xintoísmo, no judaísmo, no islamismo e nas religiões pré-colombianas da América Latina, de modo que podemos afirmar que a tradição católica europeia de construir santuários em montanhas se insere em uma dupla realidade: as condições geográficas das populações nas quais os cultos são originados e uma tradição simbólica universal de privilegiar a montanha como lugar sagrado (poderíamos ainda incluir aqui a posição estratégica para a defesa civil e militar que os locais onde essas construções foram erigidas exerciam).

Quando essa tradição chega ao Brasil, todos esses elementos já estão bem definidos, inclusive o valor militar e civil dado à ocupação de pontos estratégicos para a construção dessas fortalezas da fé; bem como o diferencial que o clima das montanhas e serras fazia em um país tropical, especialmente na área do semiárido. Contudo, não é correto afirmar que todos os santuários foram planejados a partir de uma visão estrategista, mesmo os que se encontram nas montanhas. Alguns podem até ter sido, mas encontramos muitos desses santuários cuja história remete antes a um lugar ermo de peregrinação devocional popular ou por questões ocasionais da história (um beato que se alojou naquela região, um milagre acontecido, o testemunho de uma graça alcançada, a aparição de um/a santo/a, o local de uma profecia ou para se “pagar” alguma promessa etc).

Não importa a origem do movimento devocional que erigiu determinado lugar à condição de santuário, a tradição católica manda consagrar os santuários a alguma devoção específica, geralmente a algum/a santo/a ou mártir do cânone católico. Nessa perspectiva, os santuários podem ter mais de uma história e mais de

um foco de devoção para os peregrinos. Assim, por exemplo, durante décadas os romeiros do Padre Cícero foram visitar o Santuário Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte/Ceará, um dos mais visitados no Nordeste, não tanto para prestar devoção à padroeira, mas ao beato edificador (mesmo excomungado pela Igreja Católica).

No Brasil há diversos santuários, com as mais diferentes origens e devoções. O Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Aparecida/SP, é o principal e mais visitado santuário do país. Além desse, são famosos também o Santuário de São Judas Tadeu, em São Paulo/SP, o Santuário de Nossa Senhora da Abadia do Muquem, em Niquelândia/GO, o Santuário de Nossa senhora da Penha, em Guarinos/GO, o Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette, em Caldas Novas/GO e o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade/GO. No Nordeste, como já mencionado, o Santuário Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte/Ceará, é um dos mais visitados.

Em termos de santuários católicos, no Rio Grande do Norte, os maiores e mais populares são: o Santuário do Lima, na Serra do Lima/Patú; o Santuário do Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas; a Capela de Nossa Senhora das Candeias (Santuário dos Mártires de Cunhaú), em Canguaretama; o Santuários dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, em São Gonçalo do Amarante; o Santuário dos Mártires, em Natal; e o Santuário das Graças, em Florânia, entre outros. Esses santuários católicos, por se inserirem dentro da tradição judaico-cristã, possuem um simbolismo peculiar, já bastante estudado, cuja estética reúne aspectos das construções clássicas atribuídas ao Templo do Senhor e ao Templo de Jerusalém, mas também inova com materiais e formas modernas, desafiando não somente as tecnologias da construção civil como também o olhar do homem de fé para decodificar o simbolismo empregado em cada pedra assentada.

Nessa perspectiva, surgiu o interesse em fazer uma análise estética da relação existente entre a dimensão teológica e os elementos da construção civil presentes no Santuário do Lima, à luz dos paradigmas dos antigos santuários judaico-cristãos, especialmente do que temos descrito como características do Templo de Jerusalém. Como resultado dessa pesquisa pode ser oferecido ao público leigo três conjuntos de informações inter-relacionados: a história da construção do santuário, a sua riqueza simbólica e seu atual estado de conservação.

Esse Santuário é a maior referência de construção do tipo na região do alto oeste potiguar e da área de atuação da UFERSA, conquanto esteja em construção o Santuário de Santa Luzia, em Mossoró, cuja promessa é ser a maior referência em construção desse tipo na região.

De acordo com o site oficial do santuário, a origem do Santuário remete ao ano de 1758, quando da doação de meia légua quadrada (6,6 km) de terra para a Sagrada Família e construção da capela em devoção a Nossa Senhora dos Impossíveis (ALVES, 2009). O templo atual foi construído pelos Missionários da Sagrada Família (MSF), em 1969, como condição para que assumissem a administração do Santuário, e é considerado a 13^a Basílica do Brasil. Uma das explicações para a forma cônica que a capela assumiu é descrita como uma alusão à corrida espacial e à viagem do homem à lua. Contudo, apesar dessa explicação, questiona-se se essa é a única leitura aplicada ao projeto, ou se o Santuário não guardaria outras aproximações com a estética dos modelos de templos judaico-cristãos? É o que se procurou investigar ao longo de nossa pesquisa, especialmente com a análise do desenho de tríplice capela: o pátio, a capela do térreo e a capela do piso superior.

Com base nisso, reafirmam-se o ponto de partida de que um santuário não é um simples lugar de culto, tampouco uma simples edificação civil, mas uma mistura de ambos: uma construção civil que deve, ao mesmo tempo, atender aos interesses pagãos e um lugar sagrado que facilite a aproximação do homem com a divindade. Ou, como disse Gonçalves (2014, p. 14), santuários são construções complexas e polivalentes. Esse olhar deve guiar a análise dos santuários católicos modernos, a exemplo do Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, cuja questão principal indaga pela síntese estética entre a dimensão teológica e a construção civil daquela edificação.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a estética do Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis (Santuário do Lima/Pat/RN), à luz dos paradigmas teológico e arquitetônicos, com o intuito de oferecer ao público leigo três conjuntos de informações inter-relacionados: a história da construção do santuário, a sua riqueza simbólica e seu atual estado de conservação.

2.2 Objetivos específicos

a) Com relação à história do Santuário:

Definir a territorialidade do santuário: seu posicionamento geográfico, religioso e político na região;

Recuperar a história da construção do santuário, suas reformas e atores sociais envolvidos.

b) Com relação ao simbolismo do Santuário:

Definir o paradigma de santuário no qual a construção se insere.

c) Com relação ao estado de conservação do Santuário:

Registrar a composição do material, as tecnologias, a mão de obra e o tempo empregados na sua construção e estado de conservação atual;

Tipificar as manifestações patológicas encontradas na construção.

3 METODOLOGIA

3.1 Delimitação do campo

O estudo sobre santuários já se insere em uma tradição de pesquisa que reúne as tecnologias aplicadas (especialmente a construção civil), as humanidades (sociologia, antropologia, arquitetura, filosofia) e as sociais aplicadas (turismo, direito, economia, museologia), entre outras. A revista *Santuários* e o encontro internacional por ela promovido, sob a tutela da Universidade de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, da Universidade Federal Fluminense, do Laboratório de Observação de Artes e Saberes, do Centro de Estudos do Endovélico e do Fórum Cultural Transfronteiriço, é um exemplo disso. A ideia geral é a de que o Santuário é um lugar de encontro de vasta riqueza simbólica, cultural, humana e social:

O Lugar Sagrado é hoje um espaço de valores civilizacionais. O ambiente, a arte, a tecnologia, a religião (no sentido estrito), o nacionalismo, o universalismo, a cultura, o multiculturalismo, a alimentação (com todas as suas variáveis), são causas que nos mobilizam e que têm os seus santuários. Significa o que há de mais sublime, espaço simbólico, de devoção, de culto. (GONÇALVES, 2008, p. 13-14).

Eles atendem tanto uma necessidade do homem de fé, que encontra nesses lugares um território em que a relação de proximidade com o divino pode ser fortalecida, quanto do homem de negócios ou de política, que organiza seu comércio ou sua plataforma ideopolítica em torno da movimentação de peregrinos e vê nisso a possibilidade de retorno para seus investimentos. No entanto, não importa a serventia que será dada às peregrinações, elas parecem ser um evento que nos antecede bastante em tempo e continuará movimentando milhares de pessoas no mundo inteiro rumo aos destinos que elas consideram mais sagrados:

Peregrinações são viagens realizadas por pessoas de fé a lugares considerados santos ou de devoção e não se tem registro preciso de quando se deu a origem desse costume. Povos da Antiguidade já tinham o hábito de peregrinar, afirma o historiador André Chevitarese, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, os mais importantes centros de peregrinação são Jerusalém, Roma, Santiago de Compostela, na Espanha, e Fátima, em Portugal. (OLIVEIRA, 2014, p.19).

São essas peregrinações que justificam os altos investimentos para a construção de ambientes que serão utilizados para homenagear o santo cultuado (capelas devocionais, igrejas, basílicas, mesquitas, sinagogas, templos, torres etc),

para acolher os peregrinos (casa de devotos, hotéis, pousadas, alberques etc), bem como de toda a rede de comércio ao seu redor e no caminho pelo qual os peregrinos precisam passar. Assim, juntamente com as peregrinações, o aparecimento das edificações sagradas e desenvolvimento de tais edificações para o aumento da fé dos cristãos (e consequente comércio adjunto), fez surgir a tradição dos santuários católicos.

O aparecimento dos santuários católicos concorre, parcialmente, com outra estrutura organizacional dentro do catolicismo: a paróquia. Considerando, por exemplo, o custeio, o tipo de estrutura e a identificação dos fiéis que se dirigem aos santuários, é possível dizer que a paróquia tem uma estrutura mais pastoral, uma cidadela sagrada, enquanto que os santuários são mais sacramentais, expiativos. Ou então, que as paróquias são mais locais ao passo que santuários são mais universais:

2) A paróquia necessita de uma estrutura colegiada para o seu gerenciamento, tais, como [...] a estruturação das várias pastorais e movimentos[...]. O santuário, por estar livre dessas estruturas, dedica todo o seu tempo para as celebrações eucarísticas, confissões, bênçãos, atendimento personalizado e até para algumas visitas domiciliares aos fiéis. [...]

5) O povo que frequenta a paróquia, [...], ainda é um povo muito local, que normalmente reside em seus entornos. Já o santuário, acolhe peregrinos e romeiros de longe e de perto, que via de regra, são itinerantes no local. Por isso, no santuário, dificilmente se pode instaurar uma pastoral de continuidade, à diferença do público alvo de uma paróquia. (MULLER, 2010).

Por conseguinte, a paróquia, cujos fiéis compartilham vida comunitária duradoura necessita de uma estrutura administrativa prefeitável, enquanto que o santuário, por atender a fiéis peregrinos e sazonais, não precisa desse tipo de estrutura. Conquanto, a estrutura dos santuários católicos não seja simples e sua administração territorial não se assemelhe ao modelo prefeitável: santuários do porte do Santuário de Nossa Senhora Aparecida são exemplos disso. No entanto, não é o modelo administrativo que faz o santuário, ao contrário das paróquias cuja origem está fundada nesse modelo administrativo.

Essas observações nos ajudam a compor o nosso campo de investigação e a delimitação do nosso foco nessa pesquisa: o santuário católico precisa ser compreendido como um território no qual várias disputas são travadas:

a) é o território no qual é travada uma luta entre o sagrado e o profano, no plano espiritual: o homem de fé peregrina até esse lugar para se afastar

do mundo profano, expiar seus pecados e encontrar o perdão ou a graça; ou para agradecer a graça recebida, pela força do divino, em algum assunto de sua vida profana. Essa é a principal razão pela qual a pastoral dos santuários é essencialmente sacramental;

- b) é o território no qual é travada uma luta entre o sagrado e o profano, no plano administrativo: o santuário precisa ser o lugar da acolhida dos peregrinos, tanto no plano da fé quanto no da assistência material. Se a primeira passa, essencialmente, pela obrigação pastoral de acolhê-los, orientá-los na fé e dispensar os sacramentos, a segunda passa pela obrigação (dever moral) de atender ou gerenciar o atendimento das suas necessidades de subsistência: alimentação, abrigo, higiene, transporte, estacionamento, segurança e saúde emergencial. Essa dupla obrigação cria também uma dupla administração de serviços: os serviços da fé e os serviços aos peregrinos;
- c) é o território no qual é travada uma luta entre o profano e o profano, no plano das disputas pelo poder econômico: as necessidades materiais do homem de fé geram despesas e lucros para a administração do santuário. Como essas despesas ocorrem tanto em território sagrado quando em seu percurso e arredores, diversos atores sociais disputam entre si a maior parte dos lucros com a peregrinação. Essa disputa não ocorre somente entre atores sociais profanos (comerciantes), mas também entre atores sociais religiosos (pároco versus administrador do santuário);
- d) é o território no qual é travada uma luta entre o sagrado e o sagrado, no plano das disputas pelo poder espiritual: as necessidades espirituais do homem de fé geram demandas espirituais imediatas às quais são oferecidos os sacramentos e demandas pastorais à longo prazo às quais são oferecidas as diretrizes da igreja. A questão é que os santuários nem sempre são propriedades paroquiais, ou nem sempre estão adequados ou são adeptos à política pastoral da paróquia adjacente, ou mesmo à diocese à qual pertence. Isso gera disputas sobre as práticas pastorais que deveriam ser realizadas nos territórios desses santuários, inclusive sobre a forma como os sacramentos são dispensados aos peregrinos;

A estética do santuário em sua construção como um todo (templo e anexos) deve ser um relato vivo de toda essa complexidade. A dimensão teológica se junta com a engenharia civil e ambas falam para o pesquisador sobre as diversas disputas que são travadas nesse território sagrado/profano: seu simbolismo teológico, sua historicidade, sua condição estrutural.

3.2 Materiais e Métodos

Essa pesquisa é parte integrante do projeto “Monumento, Memória e História do Alto Oeste Potiguar: recriação da história do alto oeste potiguar a partir das narrativas orais sobre o patrimônio imaterial do povo serrano a partir das suas antigas construções”, aprovado pelo Campus Pau dos Ferros e registrado na PROPPG sob o código PI1517H-12. Ela visa o estudo da história do alto oeste potiguar contada a partir das construções antigas do oeste potiguar, que preservadas ou em ruínas, ainda servem de testemunho aos habitantes do presente sobre as origens do povoamento, costumes e valores do povo serrano. Algumas dessas construções (ou suas ruínas) são mais significativas para a história do povo serrano do que outras, justamente por isso, seguindo a linha da tradição oral associada aos textos da história oficial e de outros historiadores, com o intuito de reconstruir o patrimônio imaterial do povo serrano (suas memórias históricas) a partir do patrimônio material (suas construções), iremos em busca desse patrimônio. Para tanto, a análise de significação passa, necessariamente, por uma dupla frente de atuação: a do registro documental dessas construções e a da associação por meio da oralidade de sua existência ao imaginário potiguar.

Isso nos aproxima, metodologicamente, tanto das técnicas de pesquisa conhecidas como história oral, quanto da pesquisa documental. Trata-se, portanto, de pesquisa qualitativa, de cunho observacional e tipológico, por meio da observação *in loco*, com registros fotográficos e fonográficos, da análise de documentos oficiais e acadêmicos produzidos, bem como das “memórias locais” (tanto as encontradas em registros não oficiais, como as cantorias e as falas dos depoentes) na qual procuramos identificar tais construções, saber quem fez, quando fez, por que fez, como fez e as histórias que a ela se pode associar, além do seu potencial turístico.

O registro documental e sua análise seguirão as diretrizes elaboradas por Panofsky (2004): relação de construção e relação de significação. A primeira visa, justamente, o fabricado em si: uma casa, uma ponte, uma praça, um poste, um chafariz etc, na sua serventia e estética originária, tanto em termos de conceito quanto dos meios utilizados. A segunda visa o que essa construção passou a significar ao longo de sua própria história (a história de sua construção) e ao longo da história das pessoas (a história que passou por ela).

A oralidade e sua análise seguirão os padrões da tecnologia da história oral, que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevistas gravadas, em diferentes modalidades (áudio e áudio e vídeo) e a diferentes narradores, pois procura-se evitar que as narrativas sejam demasiadamente viciadas, conquanto seja salvaguardado (e até mesmo buscado) o aspecto autobiográfico, subjetivo, das narrativas, conforme orienta Carr (1982, p. 18):

[...] nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar.

Justamente por isso, a oralidade será considerada em sua dupla valência, conforme já atestara Prins (1993), a de tradição e a de reminiscência (ou subjetivação).

As informações provenientes dessas duas técnicas serão cruzadas com as advindas de outras: análise de documentos oficiais e com outras fontes reconhecidas. A síntese dessas informações considerará tanto o caráter do contraditório quanto os aspectos subjetivos mais relevantes, sob a forma dos valores vivenciados ou projetados.

Nessa perspectiva, por poder ser contada pela via das narrativas orais (patrimônio imaterial ou simbólico), a história de um povo está sujeita a diversas releituras e acontecimentos, inclusive ao seu esquecimento. Não só pelo desaparecimento dos atores sociais que se preocuparam em guardar, contar e recontar os feitos do passado, mas, igualmente, pelo desaparecimento dos monumentos físicos (patrimônio material) que evoca visualmente uma conversação, uma pergunta, uma provocação sobre seus significados e acontecimentos nos quais está envolvido (ou por ele passaram). Isto é, o monumento material é testemunha viva da história, mas precisa de alguém que o interprete, que traduza para a linguagem falada, como testemunha ou como guardião da memória, os

acontecimentos a ele relacionados. É, justamente, nesse último aspecto, entra em cena a recuperação da tradição oral do povo serrano sob a ótica da história oral como fonte de conhecimento, objeto dessa pesquisa que ora se propõe.

No nosso recorte, busca-se a história da construção dos santuários nessa região, com foco no Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, ou Santuário do Lima, na cidade de Patu, cujos procedimentos são descritos a seguir:

a) Primeira etapa

Identificar a localidade onde essa construção se encontra, inicialmente por meio de busca ativa em mapas e sites de buscas; seguido pela visita *in loco* e cruzamento das informações geográficas e topológicas;

Elaborar mapa provisório com a localização;

Reunir material sobre a simbologia dos santuários;

Definir a territorialidade do santuário: seu posicionamento geográfico, religioso e político na região;

Definir o paradigma de santuário no qual a construção se insere.

b) Segunda etapa

Visitar *in loco* essa construção para fazer registro fotográfico, mensurar as suas dimensões e características topográficas do local onde se encontra;

Registrar a composição material, tecnologias, mão de obra e tempo empregados na sua construção e estado de conservação atual;

Determinar possível datação atribuída à sua construção;

Relacionar esse tipo de construção com outras existentes na região ou com os materiais disponíveis para sua edificação.

c) Terceira etapa

Busca ativa de documentos e depoimentos sobre a história dessa construção, especialmente focado nas razões e atores sociais envolvidos;

Gravar os depoimentos, quando possível e autorizado;

d) Quarta etapa

Analisar os depoimentos e documentos selecionados;

Cruzar as informações obtidas por meio da memória local com as fontes oficiais;

Cruzar informações de ordem teológica sobre o simbolismo dos templos com o modelo arquitetônico da construção;

Determinar o significado religioso da construção;

Elaborar texto monográfico com a história, o simbolismo e o estado atual da construção.

e) Quinta etapa

Apresentações públicas dos resultados.

CAPÍTULO 1

TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ PARA A CONSTRUÇÃO DE SANTUÁRIOS

Dentre os diversos tipos de santuários existe um que é construído pelo homem, na forma de uma edificação que delimita um território e que pode ter começado com uma tenda, um totem, uma capelinha e foi tomando dimensões maiores, alguns dos quais chegam hoje a grandes complexos habitacionais que recebem anualmente milhares de peregrinos. Como construção humana, eles foram sendo paulatinamente erigidos de acordo com o tipo e a quantidade de material e da mão de obra disponíveis, as tecnologias de construção conhecidas, as regras impostas para a construção civil, os interesses paralelos à manifestação religiosa (hospedagem, manutenção, abastecimento etc.), bem como a topografia e os limites impostos pela quantidade de recursos envolvidos. Como lugar sagrado, eles não foram simplesmente erguidos, mas modelados de acordo com uma estética que simboliza a devoção empregada, os rituais a serem praticados e, principalmente, a relação de proximidade que se pretendia estabelecer com essa construção (dos homens entre si e dos homens com o divino).

Isso ocorreu com os gregos e romanos, que construíram santuários suntuosos, do tipo templos, e, também com os egípcios, os incas, os maias e os astecas com seus santuários opulentos, do tipo pirâmides. Tanto empenho e gastos atribuem a esses locais um valor mais do que econômico: simbólico. Esse valor vem de uma dupla dimensão: a obediência/devoção, por parte do fiel, e ordem/aliança, por parte da divindade. Um caso que nos ilustra essa hipótese encontra-se na narrativa judaico-cristã sobre a construção do tabernáculo¹:

Segundo o Antigo Testamento, Jeová, o Senhor, deu instruções precisas para a edificação de um santuário onde o seu povo pudesse cultuá-lo de maneira especialmente significativa. Tanto o tabernáculo, ou seja, a tenda portátil utilizada na época das peregrinações de Israel, quanto o magnífico templo construído posteriormente por Salomão, representavam ao mesmo tempo a presença de Deus no meio do seu povo e o mistério e a sublimidade do Ser Divino, simbolizados pelo Santo dos Santos. Por cerca de um milênio o templo foi, ao lado da lei de Moisés, o centro da identidade do judaísmo. (MATOS, 2016).

¹A palavra Tabernáculo vem do hebraico **מִשְׁכָּן**, mishkan, e pode significar "residência" ou "lugar de habitação". Trata-se de uma tenda, ou uma barraca, que pode ser montada e desmontada em qualquer lugar.

Essa ordem teria sido dada ao próprio Moisés (que falava diretamente com a divindade): “Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis.” (Êxodo. 25:9). E assim foi construído, de acordo com as recomendações do Senhor e o modelo por ele mostrado no monte, conforme está descrito:

E farás as tábuas para o tabernáculo assim: vinte tábuas para o lado meridional. (Êxodo. 26:18).

Também haverá vinte tábuas ao outro lado do tabernáculo, para o lado norte. (Êxodo. 26:20).

E ao lado do tabernáculo para o ocidente farás seis tábuas, Farás também duas tábuas para os cantos do tabernáculo, de ambos os lados. (Êxodo. 26:22-23).

Farás também o pátio do tabernáculo, ao lado meridional que dá para o sul; o pátio terá cortinas de linho fino torcido; o comprimento de cada lado será de cem côvados. (Êxodo. 27:9).

Depois de construído, o tabernáculo (e todos os santuários construídos em conformidade com o seu modelo) apresentaria partes diversificadas e santificadas de forma diferenciada: a primeira parte, mais externa, chamada de átrio ou pátio, e outra, denominada de templo, que se subdivide em duas áreas: lugar santo e lugar santíssimo (ou santo dos santos), conforme modelo apresentado na Figura 1:

Figura 1: Santuário Terrestre ou Tabernáculo



Fonte: <http://santuariocerimonias.blogspot.com.br/2009/07/o-servico-no-santuario.html>

Segundo Silva (2013), todas as medidas do tabernáculo deveriam seguir um padrão, sendo assim descrito:

O átrio exterior media 45,72m de comprimento por 22,86m de largura, fechado por uma cortina de linho fino trançado de 22,28m de altura. O seu portão estava localizado no lado oriental do átrio e media 9,14m de largura. A cortina de linho fino trançado era sustentada por 60 pilares feitos de madeira de acácia coberta com bronze. O Tabernáculo, propriamente dito, tinha 13,71m de comprimento por 4,57m de largura e 4,57m de altura. E estava dividido em duas seções, o lugar santo (4,57m de largura x 9,14m de comprimento), e o santo dos santos (4,57m x 4,57m). (SILVA, 2013).

O átrio, que representa a Terra, é o lugar em que é permitida a entrada dos fiéis, pecadores, para que se confessem como tais e, por meio do sacrifício de um animal, se redimam de seus pecados. Tal sacrifício era realizado no altar dos holocaustos, conforme Figura 2 é um altar feito de madeira acácia e coberto por bronze.

Figura 2: Altar do Holocausto



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

Como mostrado na Figura 1, além disso, o átrio deveria ser cercado, tendo apenas uma entrada, pela qual fieis e sacerdotes entravam e saíam. Ali dentro, além do altar dos holocaustos deveria haver uma pia de cobre (ou bacia de cobre), na qual os sacerdotes lavavam seus pés e mãos para poderem entrar no lugar santo.

E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Farás também uma pia de cobre com a sua base de cobre, para lavar; e a porás entre a tenda da congregação e o altar; e nela deitarás água. E Arão e seus filhos nela lavarão as suas mãos e os seus pés. Quando entrarem na tenda da congregação, lavar-se-ão com água, para que não morram, ou quando se chegarem ao altar para ministrar, para acender a oferta queimada ao SENHOR. Lavarão, pois, as suas mãos e os seus pés, para que não

morram; e isto lhes será por estatuto perpétuo a ele e à sua descendência nas suas gerações. (Êxodo 30:17-21).

Há muita especulação em torno das dimensões dessa pia (em Êxodo 40:11-16 dá a entender que era possível tomar banho nela e lavar as vestes, mas em Êxodo 30:19-20 descreve a lavagem apenas dos pés e das mãos) e transporte (não há descrição de como transportá-la, uma vez que todos os itens possuem anéis pelos quais se passavam as varas para transporte), conquanto muitos artistas já a representaram, usando a sua imaginação, conforme se observa na Figura 3:

Figura 3: Pia de Bronze



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

O lugar santo, que em algumas traduções recebe o nome de santuário, como essa de Hebreus 9:2 (“Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candelabro, e a mesa, e os pães da propiciação; ao que se chama o santuário”), estava destinado ao encontro com o simbolismo da promessa e da história do povo. Ali se encontrava o candelabro de ouro com sete velas, ilustrado na Figura 4, que deveriam ficar sempre acesas, cuja função pode ter sido para iluminar o ambiente (o santo lugar não possuía janelas ou entrada de luz) e representar a luz divina:

Também farás um candelabro de ouro puro; de ouro batido se fará este candelabro; o seu pé, as suas hastes, os seus copos, os seus botões, e as suas flores serão do mesmo. E dos seus lados sairão seis hastes; três hastes do candelabro de um lado dele, e três hastes do outro lado dele. Numa haste haverá três copos a modo de amêndoas, um botão e uma flor; e três copos a modo de amêndoas na outra haste, um botão e uma flor; assim serão as seis hastes que saem do candelabro. Mas no candelabro mesmo haverá quatro copos a modo de amêndoas, com seus botões e com suas flores; e um botão debaixo de duas hastes que saem dele; e ainda um

botão debaixo de duas outras hastes que saem dele; e ainda um botão debaixo de duas outras hastes que saem dele; assim se fará com as seis hastes que saem do candelabro. Os seus botões e as suas hastes serão do mesmo; tudo será de uma só peça, obra batida de ouro puro. Também lhe farás sete lâmpadas, as quais se acenderão para iluminar defronte dele. Os seus espevitadores e os seus apagadores serão de ouro puro. De um talento de ouro puro os farás, com todos estes vasos. Atenta, pois, que o faças conforme ao seu modelo, que te foi mostrado no monte. (Êxodo, 25:31-40).

Figura 4: Candelabro de Ouro



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

Na Figura 5 está exibido a mesa de incenso ou altar de incenso, na qual os incensos eram queimados cotidianamente, como forma de intervir ao senhor pelos fiéis. Seu posicionamento era entre o candelabro (ao sul) e a mesa de pães da propiciação (ao norte), diante do véu que dava acesso ao lugar santíssimo (Êxodo 30:6).

Figura 5: Mesa dos incensos



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

Suas dimensões e composição material estão definidas em Êxodo 30:1.3), sendo de acácia e forrada com ouro puro, com um côvado de comprimento e outro de largura por dois de altura. Era maior do que a mesa de pão da propiciação e do que a arca da aliança sem a tampa (Êxodo 25:10.23).

O terceiro item, a mesa dos pães ázimos, também conhecida como mesa de pães da propiciação, observada na Figura 6, para lembrar do maná do deserto e simbolizar o Senhor como o “pão da vida”, estava ao norte no santo lugar. Sua dimensão e composição material, bem como a finalidade está descrita em Êxodo 25:23-30:

Também farás uma mesa de madeira de acácia; o seu comprimento será de dois côvados, e a sua largura de um côvado, e a sua altura de um côvado e meio. E cobri-la-ás com ouro puro; também lhe farás uma coroa de ouro ao redor. Também lhe farás uma moldura ao redor, da largura de quatro dedos, e lhe farás uma coroa de ouro ao redor da moldura. Também lhe farás quatro argolas de ouro; e porás as argolas aos quatro cantos, que estão nos seus quatro pés. Defronte da moldura estarão as argolas, como lugares para os varais, para se levar a mesa. Farás, pois, estes varais de madeira de acácia, e cobri-los-ás com ouro; e levar-se-á com eles a mesa. Também farás os seus pratos, e as suas colheres, e as suas cobertas, e as suas tigelas com que se hão de oferecer libações; de ouro puro os farás. E sobre a mesa porás o pão da proposição perante a minha face perpetuamente.

Figura 6: Mesa de pães da propiciação



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

Ao fundo do santo lugar havia um véu, que separava-o do lugar santíssimo (santo dos santos) onde se encontrava a arca da aliança. O sumo-sacerdote, mostrado na Figura 10, somente uma vez ao ano era permitida a sua entrada nesse lugar especialíssimo, para a cerimônia expiatória dos pecados do povo de Deus:

Depois que os dois filhos de Arão foram mortos quando apresentavam diante de Yahweh, o SENHOR, uma oferta de incenso que não estava de acordo com a lei, Deus falou de novo com Moisés. Ele disse: “Fala a Arão,

teu irmão, que não é a qualquer momento que ele pode entrar no Lugar Santíssimo, que fica atrás do véu, diante do propiciatório, a tampa da arca que está sobre a arca. Poderá morrer, pois aparecerei na nuvem, logo acima da tampa. Arão deverá entrar no Lugar Santo com um novilho como oferta pelo pecado e com um carneiro como holocausto [...] (Levítico 16:1-3).

A arca da aliança, conforme a Figura 7 é feita de madeira de acácia e coberta de ouro, considerada o maior tesouro do templo, pois representava a presença do Senhor no meio do seu povo. De acordo com a narrativa de Êxodo 25:21, a arca iluminava o próprio local, com uma luz radiante e dentro dela, observa-se na Figura 8, estavam as Tábuas da Lei, a Vara de Aarão e um vaso com Maná.

Figura 7: Arca da Aliança



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

Figura 8: Interior da Arca da Aliança



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

A Figura 9 mostra a tampa da arca, sob a qual estavam dois querubins conhecida como propiciatório, era o lugar da purificação: “E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins (que estão sobre a arca do testemunho), tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel” (Êxodo 25:22). Sobre ela o sumo-sacerdote respingava sangue como forma de redenção dos pecados do povo.

Figura 9: Propiciatório



Fonte: http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html

Com isso, percebe-se que a nova ordem cristã, agora uma religião devocional com seus santuários, fez com que surgisse também uma nova casta, diferenciada, a ocupar um lugar privilegiado dentro do território sagrado, a exemplo da casta sacerdotal judaica:

Os templos e outros locais sagrados adquiriram uma conotação profundamente mística e até mágica, apelando fortemente à mente e às emoções através dos sentidos: o impacto visual da arquitetura, o impacto olfativo do incenso e das velas, o impacto auditivo da liturgia e da música sacra. Em cada detalhe, os templos cristãos refletiam os novos entendimentos da fé, como a crescente separação entre o clero e os leigos, aquele ocupando a abside, onde ficava o altar, e estes a nave do santuário. (MATOS, 2016)

Nesse sentido, a ordem da construção do tabernáculo está associada à promessa do Senhor de habitar no meio do seu povo (representada pelo tabernáculo, os utensílios que o compõem e a nuvem/flama que está ligada ao tabernáculo. Como mostrado na Figura 1, ocorre com a institucionalização do culto: à construção do tabernáculo ocorre a criação de uma casta sacerdotal para cuidar do templo e gerenciar os sacrifícios. Ilustrado na Figura 10, o sumo-sacerdote com suas limitações culturais, suas vestes litúrgicas, seus direitos tribais e eclesiásticos,

suas regalias funcionais (a tribo de Levi é a única a ter direito ao dízimo) e sua proximidade com o Senhor, o torna tanto uma referência religiosa (a expressão visível da promessa) quanto política (a expressão visível de uma nova ordem administrativa).

Figura 10: Sumo-Sacerdote



Fonte: <http://mulheradventista.com/sacerdotes-e-levitas-licao-8/>

De acordo com a narrativa bíblica, a construção do tabernáculo e sua decoração e mobiliários, bem como a institucionalização de uma casta sacerdotal, seguiram à risca as diretrizes arquitetônicas do Senhor. O tabernáculo simboliza, pois, a presença do Senhor em meio ao seu povo, além de ser a maneira em que o penitente poderia se relacionar com a divindade, sentir e ver a sua presença. O fato de ser construído no centro do acampamento talvez tenha servido para indicar o

lugar privilegiado que a divindade ocupa, bem como facilitar a segurança e vigia, ou ainda o acesso equidistante à todas as tribos acampadas ao redor².

No caso do cristianismo, embora a herança cultural e teológica do judaísmo esteja preservada, a origem para a construção de tabernáculos teve outra história. Inicialmente, os fiéis não tinham um lugar direcionado para os cultos, que aconteciam nas residências dos cristãos, as igrejas domésticas, mencionadas em algumas passagens do Novo Testamento. Posteriormente, com o aparecimento dos mártires (cristãos que deram suas vidas pelo amor de Cristo), os locais em que esses foram enterrados tornaram-se reverenciados pelos demais. Em algumas cidades, as pessoas começaram a se reunir nesses lugares, como exemplo das famosas catacumbas ou dos cemitérios subterrâneos de Roma, a partir da época de Nero. Só posteriormente, com Constantino e Teodósio, a igreja começou a construir seus templos e santuários, privilegiando os antigos lugares de culto (não só dos cultos cristãos, mas também da cristianização de templos pagãos), lugares altos e fortificados ou áreas de missões, tornando-se, atualmente, uma das religiões mais espalhada pelo mundo com sua diversidade de santuários e peregrinos.

Segundo Addis, 2009, é nesse contexto que as construções religiosas, tais com igrejas, catedrais, basílicas e santuários, desde os tempos mais remotos, são foco da maioria dos historiadores da engenharia. Primeiramente, porque essas obras são conservadas em quase todos os lugares em que são construídas, sofrendo poucas alterações, mas sempre mantendo seu propósito original. Segundo, por servirem mais como uma obra arquitetônica simbólica do que funcional, representa um avanço na engenharia estrutural e na utilização da iluminação natural.

A maioria dessas obras foi construída em locais que já possuíam uma edificação mais rudimentar, e, em alguns casos não houve demolição da construção já presente, apenas reforma. No caso do Santuário do Lima, a antiga igreja foi demolida e construída uma nova, na área mais central da sua localidade. A ideia foi a de criar no lugar uma estrutura que atendesse o propósito religioso de um santuário (a elevação da espiritualidade), mas também atraísse olhares para a sua arquitetura exuberante.

² Esse hábito de construir santuários em lugares privilegiados permanecerá na tradição judaica e passará às tradições que dela se originam, mas não se pode dizer que lhes é exclusivo. Budistas, taoístas, xintoístas, maias, astecas, incas e diversos outros povos também escolheram lugares privilegiados, bem fortalecidos ou de fácil vigilância para erguer seus santuários.

Ainda conforme Addis, 2009, esse desiderato é coerente com as ideias de alguns filósofos, como Sócrates, Platão e Ésquilo, que escreveram sobre essas formas arquitetônicas. Para eles, tais edificações tinham o intuito de explicar o funcionamento do mundo. Aristóteles, por exemplo, procurou descrever a feitura dessas edificações ou seus adereços usando a regra das quatro causas (causa material, causa formal, causa motriz e causa final), que são as mesmas causas que regem a natureza. Assim, o artista, no seu labor, imita o movimento cósmico natural:

Quando um artista esculpe uma estátua, o mármore por ele usado é a matéria de que ela é feita e nela permanece. A estátua, entretanto, precisa de um modelo já existente ou criado pela imaginação do escultor. Esse modelo é a causa exemplar, é a forma impressa na matéria, é o fim a que esta deve chegar para se tornar aquilo que seu autor idealizou. (SOBRINHO, 2011).

A matéria e a forma são, pois, as características mais peculiares presentes na própria composição dos entes físicos: é ela que diretamente se vê. Essa teoria ficou conhecida como hilemorfismo, que do grego é a contração entre “hyle”, matéria, e “morphé”, forma. Por essa via, todos os elementos mundanos possuem matéria e forma, em que a matéria é o pensamento do que se deseja produzir e a forma é o molde atribuído a tal querer. Esse conceito pode ser claramente visto na construção do Santuário do Lima no que se refere ao seu formato, como um meio de facilitar o encontro entre a criatura e o criador. Encontro esse marcado pelo reconhecimento da miudeza da criatura e grandeza do criador, típico das arquiteturas religiosas:

A arquitetura religiosa, em particular, pela busca em materializar a cultura sacra de diversas sociedades, destacou-se continuamente através da história pelos enormes empreendimentos que sempre representou a subordinação e respeito humano a um poder superior. (VIANA, 2014)

Como característica da arquitetura religiosa, seguindo o paradigma hilemórfico que coloca o humano diante da grandeza do divino é que ela dá uma importância relevante à parte exterior da obra, que por vezes se torna maior do que a interior, segundo relatado por Viana, 2014. O propósito é que o templo precisa ser visto, admirado e desejado de longe, como um imponente edifício se sobressaindo do meio da aldeia, ou da cidade. Assim como o tabernáculo ou o Templo do Senhor ocupava o centro do acampamento, essas edificações ocupam um lugar de destaque: o divino merece a melhor casa.

Além de ocupar o melhor lugar, a arquitetura sagrada procura usar os melhores recursos e tecnologias mais avançadas, bem como o uso de materiais mais resistentes e em tamanhos maiores:

Essas edificações de cunho místico, ritual ou religioso, independentemente de seu período histórico ou localização geográfica, por conseguinte, sempre foram as mais notáveis e podiam ser distinguidas pelo tamanho, pela forma, pela tecnologia, pelos materiais, pela localização e/ou pela decoração adotadas. Todo esse conjunto de características era abordado com tamanha primazia e tenacidade que a construção sagrada ocupou tradicionalmente a posição de figura representativa da arquitetura ao longo da história. (VIANA, 2014).

Isso, porque essas construções foram projetadas para resistirem por mais tempo às ações de intemperes, preservando sua estrutura e as tradições religiosas para as próximas gerações. Representações dessa arquitetura são vistas em construções egípcia, grega, romana, gótica, barroca, dentre outras, sendo notável nos templos, igrejas e catedrais, bem como no Santuário do Lima, como veremos.

CAPÍTULO 2

SANTUÁRIO DO LIMA: UMA OBRA DE DEVOÇÃO RELIGIOSA

a) local e origem do Santuário do Lima

No Nordeste brasileiro diversos santuários são bem-conceituados, dentre os quais o Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, que foi eleito uma das sete maravilhas do Rio Grande do Norte, e é um dos mais espetaculares conjuntos religiosos do nordeste brasileiro. O mesmo está situado no ponto mais alto da Serra do Lima, em Patu, RN.

O município de Patu está localizado na microrregião serrana no interior do Rio Grande do Norte, cerca de 300km da capital, Natal, na mesorregião do Oeste Potiguar, conforme o Mapa 1. O município consta, de acordo com o IBGE/2010, com aproximadamente 12 mil habitantes, com uma área de 319 km², sendo uma região em que predomina a agricultura e pecuária, já que quando foi colonizada estava relacionada com o ciclo dos currais.

Mapa 1: Localização de Patu no Rio Grande do Norte



Fonte: <http://patu24horas.blogspot.com.br/p/historias-de-patu.html>

Patu foi povoado em meados dos séculos XVIII e XIX, passando por um processo lento de colonização até conseguir virar município, e então desmembrar-se de outras localidades, sendo estas: Almino Afonso, Messias Targino, Olho D'água do Borges e Rafael Godeiro. Com a expansão e surgimento de mais municípios no

Estado, essas localidades foram aos poucos se tornando autônomas politicamente, por meio de propostas da Assembleia Legislativa e a força de Leis do Governo Estadual.

De acordo com o historiador Luís da Câmara Cascudo, "Patu" em tupi significa "terra alta", "chapada", "planalto", "chapada sonora", "serra do estrondo". ([Http://patu24horas.blogspot.com.br/p/historias-de-patu.html](http://patu24horas.blogspot.com.br/p/historias-de-patu.html), 2016)

Como está situada numa região serrana, o município é visto como um dos melhores lugares de prática de voo livre de asa delta, além da bela vista que é favorecida do alto da Serra do Lima, onde encontra-se o Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, ilustrado na Foto 1, a seguir, considerado um dos lugares de maior religiosidade do Nordeste brasileiro.

Foto 1: Santuário do Lima



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Victória de Oliveira

Sobre o santuário, entende-se que se trata de um lugar devocional que, como os demais santuários católicos, tem como eixo fundamental a pastoral sacramental e da acolhida aos peregrinos:

O Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis do Lima, é, pois, uma "Casa de Oração", onde os romeiros devem se encontrar com Deus, pela confissão sacramental, pela assistência à Santa Missa e participação da Mesa Eucarística. Devem, outrossim, pagar suas promessas com fé e resignação, suplicando novas graças se tanto conceder o Pai eterno, por interseção de Nossa Senhora dos Impossíveis. (nimpossibleis.tripod.com, 2016)

Como não foi encontrado nenhum documento comprobatório esclarecendo o levantamento da capela, muitas histórias sobre o surgimento do Santuário do Lima podem ser ouvidas, dentre as quais destacam-se duas. De acordo com a primeira, mais antiga, exposta no site nsimpossiveis.tripod.com, a região que atualmente está construído o santuário era pertencente ao Coronel Antônio de Lima Abreu Pereira, que em uma determinada noite saíra para caçar naquela localidade. Empolgado com a caça, não percebeu que já estava anoitecendo e o caminho para retornar à sua casa ficara escuro, fazendo com que o coronel não conseguisse voltar pelo mesmo local que subiu ficando então perdido.

Após várias tentativas para encontrar o caminho de volta e notando que não acertaria o trajeto, o Coronel Antônio de Lima se apegou a Nossa Senhora dos Impossíveis, fazendo-lhe uma promessa: se saísse dali com vida sem que fosse molestado pelos animais selvagens presentes na serra, construiria uma capela devocional no lugar. Pouco depois de suas orações, o Coronel encontrou o trajeto de volta e, como era um homem de palavra, resolveu doar aquela região e pediu para que fosse edificado uma capela em homenagem à santa. E como solicitado, foi feito.

A partir dessa doação e construção da capela homenageando Nossa Senhora dos Impossíveis, a população local e das demais regiões começaram a dirigir-se para o lugar a fim de expressar sua fé: fazendo e cumprindo promessas, tornando-se devotos da santa e do lugar. Assim, a capela erigida, além de se tornar um lugar devocional também proporcionou desenvolvimento socioeconômico ao município.

A Folha Patuense replica a narrativa do então professor e ex-padre Silvano Schoenberger, antigo responsável pelo Santuário do Lima após a saída de Pe. Henrique Spitz, MSF, que cita Cascudo a respeito dessa versão lendária:

A serra maciça, clara, com nódoas de vegetação, apruma-se numa verticalidade impressionante. Durante a noite ainda brilham os olhos verdes e magnéticos das onças famintas. De um alcantilado um homem despencou-se gritando por Nossa Senhora e ficou rente à rocha, inexplicavelmente suspenso, até que o retirassem do abismo.

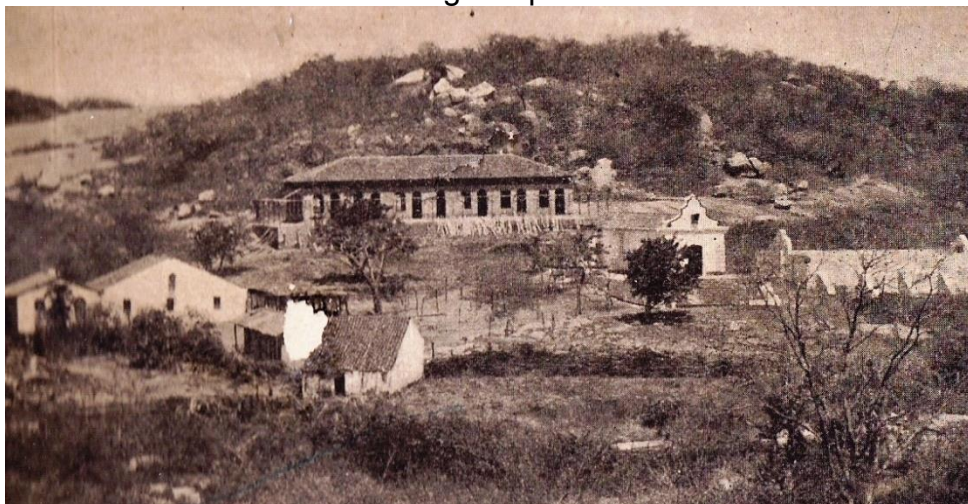
A versão histórica, tal como está cristalizada nos textos dos historiadores locais, como notamos na Folha Patuense (aluisiodutra.blogspot.com), nos muros do próprio santuário e no seu site oficial (www.santuariodolima.com.br) ou mesmo no Wikipédia, remonta ao Coronel Antônio de Lima juntamente com sua esposa Paula Moreira Braga Pessoa, moradores de Apodi e donos das propriedades em que se

localizava a serra. Em 29 de janeiro de 1758, esse coronel decidiu – não encontramos registros do motivo – construir uma capela na serra, mandando trazer a estátua de Nossa Senhora dos Impossíveis de Portugal. Três décadas depois, o coronel presenteou, com escritura, meia légua quadrada da terra para a sagrada família e a então capela para o Bispado. No mesmo ano, em 21 de novembro, e no ano seguinte, em 1º de janeiro, o bispado começou a solenizar festas e romarias³ (nimpossíveis.tripod.com).

b) a nova capela e o modelo arquitetônico

O modelo arquitetônico que hoje se conhece, mostrado anteriormente na Foto 1, é bem diferente da antiga capela que deu origem à devoção. Observando a Foto 2 dá para se ter uma ideia disso. Nela, notamos como era o santuário do Lima: a casa grande era a morada dos padres, ao lado ficava o cemitério, a capela pequena era a antiga capelinha do Lima e no centro é onde atualmente está edificado o santuário do Lima.

Foto 2: Antiga Capela do Lima



Fonte: <http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>

³ A tradição de romarias e festejos se mantém até os dias de hoje, conforme anuncia o site oficial do Santuário: “Todos os anos celebram-se duas festas principais do santuário, com a presença de bispos de Mossoró, sacerdotes e milhares de romeiros. A primeira acontece no dia 1º de janeiro, onde os romeiros pedem para terem um ótimo ano, e, a outra é no dia 21 de novembro que é o dia Nossa Senhora dos Impossíveis.”

De acordo com as anotações oficiais nos muros do santuário, a partir de 1920 ele passou a ser gerenciado pelos Missionários da Sagrada Família (MSF), cujo precursor foi o Padre João Batista Berthier, MSF. Entretanto, de acordo com Schoenberger (apud DUTRA, 2016), para que fosse concedida a administração do santuário era preciso realizar algumas reformas, tais como construir uma nova casa de oração, fazer a pavimentação da estrada que dava acesso ao local e aumentar a estrutura de acolhimento aos peregrinos e missionários. Em virtude do tempo de incumbências que foram acontecendo no santuário, atualmente, ele é reconhecido como a 13ª Basílica do Brasil.

Em visita ao Santuário do Lima, foi realizada uma conversa com dois jovens seminaristas ali residentes, Diego Santos e Wellison Costa. Nesse encontro, além de nos mostrar o santuário, eles nos contaram um pouco da sua história. De acordo com Diego, 2016, somente no século passado, cerca de 96 a 98 anos atrás, os MSF vieram cuidar da “capelinha do Lima”, que possui esse nome derivado do doador das terras para edificação da capela, o senhor Antônio de Lima, que doou uma légua (6,6km) de terra, que se estende da serra em que está localizado o santuário até a proximidade da cidade de Patu.

Como a capela era de responsabilidade da diocese de Mossoró, somente ficaria sob tutela dos MSF se fosse levantada uma nova casa de oração. Para isto, em meados da década de 50, o padre alemão Henrique Spitz, MSF, veio do Rio Grande do Sul para administrar e construir a nova igreja. Ele se juntou ao arquiteto Alberto Reithler para desfazer da antiga capela com características do século XIX e construir a basílica atual, dando início à construção do atual Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, que está ilustrado na Foto 1⁴, cuja capela foi inaugurada em 01 de Janeiro de 1969, descrito por Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 21, 2011).

O padre Henrique Spitz, MSF, era um grande simpatizante deste templo, e segundo DS, ele dizia que o santuário possuía essa estrutura arquitetônica tão interessante, pois remontava à ideia do formato das igrejas Europeias, além de ter sido edificada no mesmo período em que homem foi à lua. O formato de cápsula teria sido deliberado em decorrência de os americanos conseguirem levar o homem até à lua por meio de uma cápsula; assim acreditava-se que através da mesma cápsula era possível ir até ao céu, ao encontro com Deus.

⁴ Imagem da atual igreja do Santuário do Lima

A elevação da igreja à condição de basílica ocorreu em 2016, segundo DS, no episcopado de Dom Gentil Diniz Barreto, tendo sido a coroação da imagem feita por Frei Damião de Bonzana, OFC, um frade missionário capuchinho muito popular no Nordeste e que já tinha realizado missões populares no santuário.

Além da construção do santuário, foi feito também uma praça e a estrada que dava acesso ao santuário, ilustrada na Foto 3, a seguir. A estrada e parte da praça foram inauguradas em Maio de 1954, antes da estrutura do santuário (SCHOENBERGER apud DUTRA, 2011).

Foto 3: Estrada de acesso a serra do Lima



Fonte: <http://vaconferir.com.br/santuario-de-patu/>

c) a dedicação do Santuário a Maria, Nossa Senhora dos Impossíveis

Schoenberger apud Dutra, no capítulo 6, 2011, remota um fato referente à decisão do nome do santuário, Pe. Evaldo (em depoimento à pesquisadora) – administrador do santuário, esclarece que o Coronel Antônio de Lima, na escritura da doação da terra usada para a construção da capela, já havia descrito como “Serra de Nossa Senhora dos Impossíveis”, referindo-se ao modelo de nome usado entre os séculos XVII e XVIII, período em que era venerada a santa no local. Isto, contradiz Cascudo que afirmou o nome ter sido dado pelo Coronel ao terminar a construção da capela e dizer: “aí está a Igreja dos Impossíveis” e, ali guardara a imagem da santa dos impossíveis. Ainda fala que a afirmação de Pe. Evaldo também não corresponde à interpretação dos caçadores, que trata de quando estes saiam para caçar viam passar vultos da santa dos impossíveis e também que era ela que ajudava aos caçadores a retornar sem que fossem agredidos por animais

selvagens ou ficassem perdidos naquela região.

Imagem semelhante à que está no Lima, dedicada à Nossa Senhora dos Impossíveis, também se encontra na Igreja Matriz de Boa Vista, em Recife/PE, de acordo com Pe. Evaldo. A Foto 4a é um conjunto entre mãe e filho em peça única, entalhada em madeira, com a mãe tendo uma coroa de prata (Ag) na cabeça e a mão direita mostrando seu filho no braço esquerdo. Ambas imagens vieram de Portugal. Isto é usado pelo Pe. Evaldo como argumento para crer que o nome de Nossa Senhora dos Impossíveis não foi inovação do Coronel Antônio de Lima e, que a imagem da santa já e sua devoção já era comum em Portugal.

Atualmente, a imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis trazida de Portugal está localizada na capela do térreo do Santuário do Lima. Existe outra imagem, uma réplica, na capela superior e na sala dos milagres. Nessas réplicas a santa não está apontando para o menino Jesus, mas segurando um cetro, ilustrado na Foto 4b:

Foto 4: Comparativo das imagens de Nossa Senhora dos Impossíveis



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Adla Sousa

Na interpretação dada pelo sacerdote, a imagem trazida de Portugal em que ela está com o menino Jesus no braço esquerdo e com a outra mão direcionada para Jesus simboliza Maria como “Mãe de Deus e dos Homens” e “Imaculada Conceição”, enquanto que nas outras duas imagens em que ela segura o menino Jesus e na outra mão segura um cetro simboliza “Maria como rainha capaz de

enfrentar toda adversidade, governanta de toda a criação e mãe de todos”.

Quanto ao título mariano Nossa Senhora dos Impossíveis, explica DS:

O título de **Nossa Senhora dos Impossíveis** vem do fato de ter acontecido com Nossa Senhora três coisas humanamente impossíveis, a saber: Maria concebida sem pecado original, Maria Virgem e Mãe, Maria Mãe de Deus. ([Http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html](http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html), 2016)

Na explicação de DS, esses três atributos de fé eram explicados pelo Pe. Henrique Spitz aos romeiros como sendo, o primeiro é que Deus concebeu um fruto a Maria e resguardou-a do pecado desde o berço, assim apareceram as comemorações em homenagem à Nossa Senhora Imaculada Conceição. O segundo é que Maria mesmo sendo mãe permaneceu virgem e, o terceiro, teria sido Maria mãe de um Filho que é antecessor a ela mesmo, por ser Deus.

d) casos destacados

Um acontecimento interessante do Santuário, que ele destaca, foi na vinda de um dos padres para administrar o santuário. O Pe. Xavier Nierhoff, MSF, vinha de Kombi com o Pe. Edmundo Endres, MSF, novo responsável pela capela, já era noite e chovia muito, então o carro começou a deslizar para o abismo. Pe. Edmundo Endres, MSF, pulou e conseguiu colocar pedras para o carro não descer. Seguiram então o caminho a pé até a casa dos padres. Após o ocorrido, o Pe. Edmundo Endres, MSF, ordenou que colocasse uma pedra onde passaram por aquela situação escrito em latim: *Memento mori* (lembra-te da morte) – saudação comum entre os frades medievais.

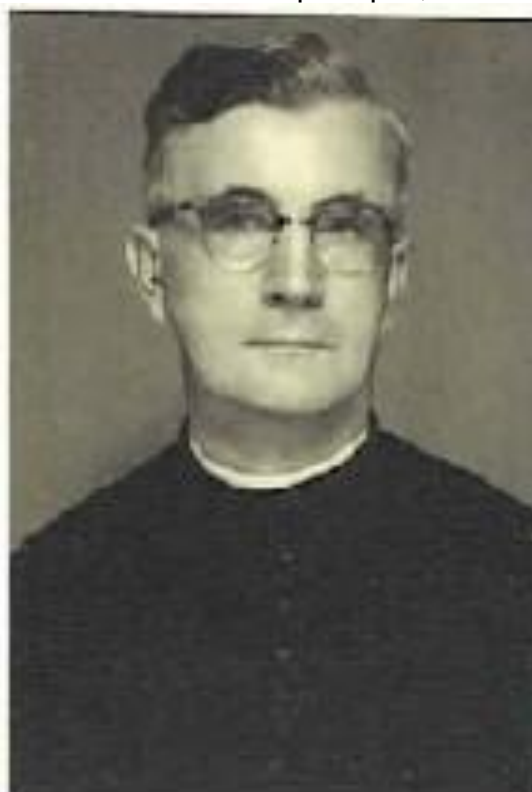
Um outro ocorrido, ainda segundo o seminarista, foi no período em que Lampião estava invadindo a cidade de Pau dos Ferros e a região do Alto Oeste Potiguar. Ouviu-se uma história de que quando ele viesse de Umarizal passaria no município de Patu e iria até o Lima, tendo em vista que Lampião era devoto de Nossa Senhora das Dores, padroeira de Patu. Com medo de serem assaltados, os padres da sagrada família enterraram todos os seus vinhos canônicos e os objetos mais preciosos embaixo de uma mangueira, entretanto o jovem Lampião acabou desistindo de ir naquele lugar. Quando os padres desenterraram seus objetos viram que suas garrafas de vinhos estavam vazias: uma colônia de formigas que estava abrigada ali roera as rolhas das garrafas fazendo com que o vinho fosse derramado

na terra.

e) padre Henrique Spitz, MSF

A construção do Santuário do Lima recebeu grande impulso com aquele que é considerado o mentor do atual santuário, o Pe. Henrique Spitz, MSF, mostrado na Foto 5, a seguir.

Foto 5: Pe. Henrique Spitz, MSF



Fonte: <http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>

Conforme está publicado no site do santuário do Lima, o Pe. Henrique nasceu em 06 de Outubro de 1903, em Duisburg, Alemanha, entrou no seminário de Biesdors em 22 de Abril de 1922, aos 18 anos. Em 1929 veio para o Brasil fazer teologia, na cidade de São Leopoldo/RS, tornando-se padre em 1932. Antes de vir para o Santuário do Lima, o padre foi responsável pela construção do Seminário de Santo Ângelo, no RS. Em Julho de 1948 chegou ao Santuário do Lima para a administração do mesmo. Faleceu em 17 de Fevereiro de 1979, na cidade de Recife/PE, acometido de um câncer. Seu corpo está enterrado no Santuário do Lima cujo túmulo está lapidado em pedra única de granito e é constantemente visitado por idosos que admiravam o mesmo e que por vezes trazem seus familiares para contar

sua história, sabendo que ele foi uma das mais fortes expressões do MSF. Sem ele não existiria o santuário tal como o conhecemos. Ao lado do seu túmulo se encontra uma outra lápide, a do padre Antonio, falecido aos 65 anos, que confessou o Pe. Cícero do Juazeiro, CE.

O túmulo desses dois padres não é o único conjunto sepulcral no santuário. Existe também um ossuário, compreendido por um conjunto de urnas funerárias, onde estão guardados os ossos dos padres da congregação MSF. De acordo com WC e DS, alguns desses padres eram residentes e outros vieram de paróquias vizinhas, trazidos por Pe. Spitz, tendo em vista que o cuidado pastoral abrangia um território de cem quilômetros (100 km). Um deles contém os restos mortais do Pe. Agostino Bohlen, MSF. Além dos padres, algumas pessoas renomadas também foram enterradas no santuário, com destaque a um dos primeiros prefeitos de Patu, Rafael Godeiro e sua esposa Dona Lina.

Conforme dito por DS, o Pe. Henrique Spitz, MSF, tinha um temperamento muito forte e gostava de que as coisas fossem feitas de acordo com suas recomendações, “era tudo na lei”. Ele desfrutava de uma inteligência espetacular, contudo não gostava muito de rir nem de brincadeiras. Algo que o deixava irritado era quando as pessoas vinham ao santuário como devotos de Santa Rita. Isso ocorria com tal frequência que algumas pessoas achavam que o corpo de Santa Rita estava enterrado no santuário, apesar desse fato não ser verídico.

Sobre isso, o Schoenberger apud Dutra, 2011, fala que:

Pe. Henrique se aborrecia quando alguém dizia estar pagando promessa a Santa Rita dos Impossíveis e insistia em dizer que a santa do Lima é Nossa Senhora dos Impossíveis. No entanto, se justifica uma natural confusão na cabeça do povo, pois Santa Rita de Cássia é também chamada dos Impossíveis, por ser considerada a santa das causas impossíveis.

A Folha Patuense, no capítulo 23 da História do Lima, aborda uma das indignações de Pe. Henrique Spitz, MSF, na qual este compreendia como algo equivocado quando os devotos afirmavam que a santa estava presa no santuário e que teria no início da estrada a marca do pé da santa. Outra coisa era o fato de as pessoas pagarem suas promessas subindo a ladeira de joelhos ou carregando pedras que seriam usadas na construção para as suas casas.

f) romarias, peregrinações e milagres

Romarias são peregrinações realizadas por um conjunto de pessoas que se deslocam ao lugar sagrado, podendo ser para pagarem promessa, agradecer pela graça concedida ou apenas por devoção. Essas peregrinações ocorrem a pé ou de veículos, seja carro, moto ou bicicleta.

O Santuário do Lima atrai milhares de romeiros que se deslocam de todas as partes do Brasil em peregrinação. Na ótica dos fieis, ele é um lugar para o encontro com Deus e obtenção da paz espiritual, através da confissão sacramental, da presença na Santa Missa e na Mesa Eucarística. Também é onde eles vêm pagar suas promessas e renovar seus votos com a santa.

No decorrer do ano, acontecem várias romarias ao Santuário do Lima, dentre elas destacam-se: no mês de Março, a Romaria dos Vaqueiros; em Outubro, a Romaria da Juventude, mostrada na Foto 6; no mês de Novembro ocorre a Festa de Nossa Senhora dos Impossíveis, mês em que se comemora o dia da santa (21 de Novembro); e a Romaria de Ano Novo, em Dezembro, esta que é a mais prestigiada e considerada a mais importante, pois os devotos pedem para que o ano que se inicia seja repleto de tudo que nos é conveniente e bom.

Foto 6: Romaria da Juventude, Outubro de 2016



Fonte: www.santuariodolima.com.br

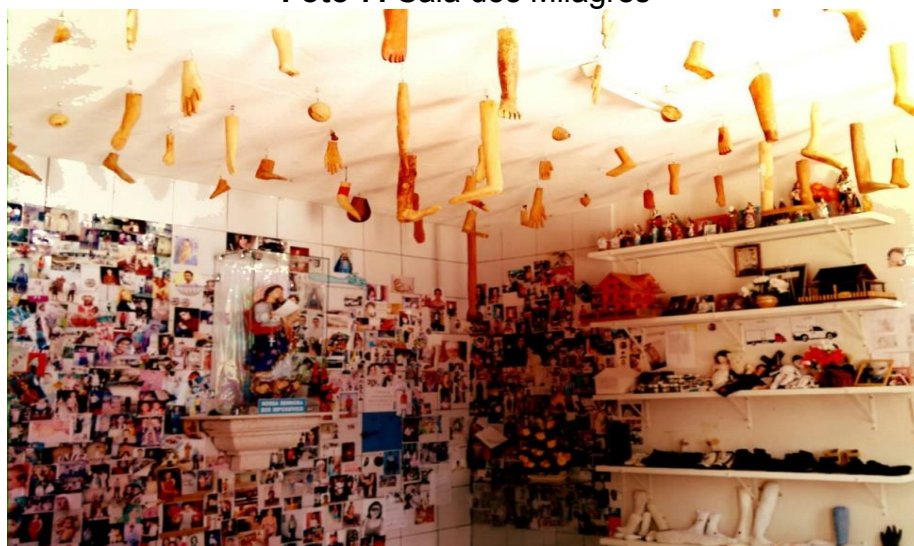
Uma dessas romarias, a Romaria da Juventude, como observou-se na Foto 6, ocorreu no dia 23 de Outubro de 2016 e reuniu mais de nove mil (9 mil) pessoas, sendo considerada uma das maiores. A romaria culmina com a celebração da missa, mas ocorrem também vários momentos de orações e de festa (esta serve

como momento de integração, descontração e lazer para os peregrinos). Essas romarias, embora sejam eventos religiosos, contribuem também a dimensão lúdica dos peregrinos:

As festas religiosas no santuário são também espaço de consumo mais organizado e com propostas bem mais elaboradas, espaço de ritual, assim chamada por Martim Barbero: “o consumo é um lugar de processo [...] o consumo tem seu ritual, tem sua organização, tem sua lógica, segundo diferentes atores sociais, grupos, classes, etnias e gerações”. (BARBERO, 1991; p. 62).

Para Santos, 2013, tanto nas peregrinações coletivas quanto nas individuais, tanto para agradecer quanto para pedir – ou simplesmente conhecer o santuário, os fieis costumam deixar objetos como símbolo de ligação com a graça atendida, ou simplesmente observar os objetos deixados como testemunho por outros. Estes objetos ficam guardados em uma sala reservada, no pátio do santuário: a sala dos milagres (antes ficava em uma sala no átrio – corredor – da capela do térreo). Na Foto 7, mostra a sala em que se encontram réplicas de partes do corpo humano talhadas em madeira, gesso, pano ou papel machê, principalmente de mãos e pés; fotos de pessoas com suas enfermidades; roupas; troféus; miniaturas de bens imóveis, dentre outros. O ato de deixarem esses objetos como testemunho da graça alcançada é conhecido religiosamente como ex-voto.

Foto 7: Sala dos Milagres



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Victória de Oliveira

Quando se tratam de muletas ou cadeiras de roda deixadas pelos peregrinos que se declaram curados de alguma incapacidade motora e julgam desnecessário o uso do equipamento, essas podem ser doadas pelos padres a outras pessoas que estejam precisando e não tem condições financeiras de

comprar, a depender do estado de conservação e das condições de uso do equipamento.

Em entrevista, o seminarista Wellison Costa, 2016, nos informou que, em virtude do volume acumulado de fotografias, da disponibilidade de espaço para armazená-las e da sua qualidade deteriorada sob a ação do tempo, foi realizada uma cerimônia de benção dessas fotos e em seguida elas foram incineradas, dando espaço para outras mais recentes.

Na maioria dessas fotos e dos objetos que compõem os ex-votos, os fiéis deixam algo escrito contando sua história. Cada pessoa tinha uma história diferente, algumas eram sobre a doença que lhes afetara ou acidentes que sofreram desejos peticionados ou graças alcançadas. Esse último grupo, o das graças alcançadas, na narrativa de Wellison, 2016, compunha o maior volume, sendo que a maioria é agradecendo por ser conseguida a cura, ter sido empregado ou se formado.

Esse hábito de ex-votação está ligado ao princípio da mediação do santo, comum no catolicismo. A ex-votação é o testemunho de que a mediação funcionou, de que a “comunhão dos santos” (preceito de fé) não deve ser apenas uma máxima moral aqui na terra, mas é uma realidade nos céus. Assim, a “comunhão dos santos” está na base da “Comunhão com o santo”: essa relação harmônica de devoção religiosa do fiel com o seu santo é uma forma significativa de expressar o reconhecimento e lealdade pelo ocorrido, na qual o fiel concretiza essa significância por meio do ex-voto.

g) simbologia do santuário: a tríplice capela

Segundo entrevista concedida pelos seminaristas, 2016, conta-se que as primeiras igrejinhas do Lima tinham a sua frente sempre direcionada para o cume da serra, o que para os religiosos tem um significado importante, o qual condiz com a ideia de que os montes são locais peculiares para a comunhão com Deus, tendo em vista que a maiorias dos eventos bíblicos relacionados à divindade cristã envolvem montes. O monte, como lugar da manifestação de Deus é também o lugar para onde os fiéis direcionam seu olhar e seus pés na busca por força e comunhão com Deus, por meio de suas orações. Por isso que, tanto o Templo de Salomão como o Santuário do Lima e a maiorias dos santuários judaico-cristãos foram construídos em cima de montes. Já o atual templo está direcionado no sentido oposto às antigas

capelas, de frente para a estrada e para a cidade, isso por escolha do Pe. Henrique Spitz, MSF.

Apesar do que se diz sobre a estrutura do templo ser constituído por duas capelas, como observa-se:

O Santuário propriamente dito, que é constituído por duas igrejas, uma térrea, circular, com pia batismal e altar em granito trabalhado e piso de mármore, onde são celebrados os atos litúrgicos diariamente. A outra fica no primeiro andar, circular e cônica, com uma acústica maravilhosa, com iluminação solar indireta, deixando o visitante extasiado. (SCHENBERGER apud DUTRA, 2011)

O que se observa, na prática, é que o templo atual é subdividido em três capelas interligadas, cada uma com uma simbologia diferenciada e juntas formando uma única realidade simbólica. Pelo menos foi essa a leitura que Diego, 2016, fez durante sua entrevista. Ele nos informou que a igreja térrea, ilustrada na Foto 8, remonta aos aspectos da antiga capela, possuindo inclusive alguns de seus objetos sagrados, como a imagem original de Nossa Senhora dos Impossíveis, alguns bancos e o sacrário, que estava passando por um reparo. A sua localidade facilita o acesso às pessoas com dificuldades de mobilidade e seu formato circular permite boa visibilidade do altar – apesar de sua pouca altura – na hora da celebração eucarística. A capela conta com três portas de acesso e está cercada do ossuário e de alguns relicários.

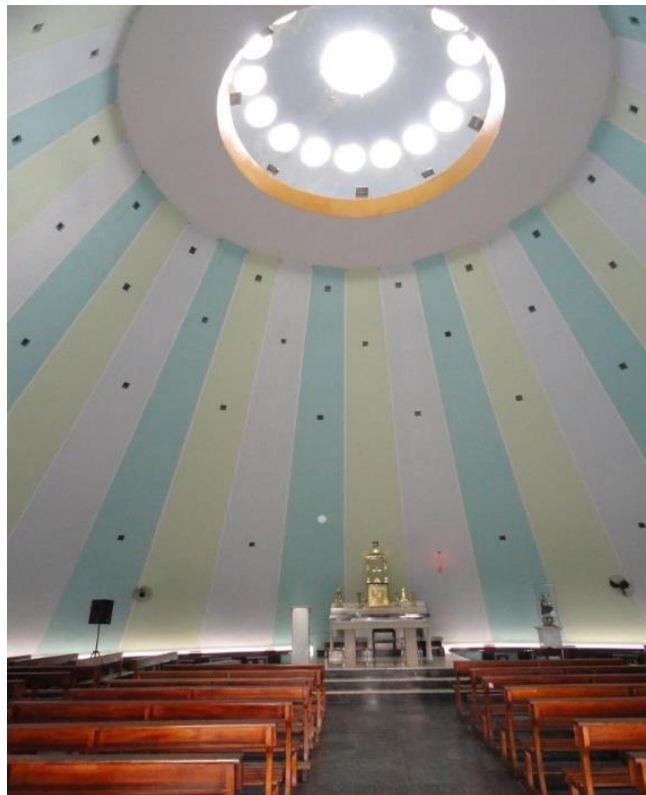
Foto 8: capela do térreo do Santuário do Lima



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Victória de Oliveira

Observa-se na Foto 9 , que por sua vez, na parte superior, onde o templo se torna mais cônico e pode ver sua abóboda, está a capela do piso superior: trata-se de uma construção com aberturas feitas por tijolos de vidro para que à noite, dentro da capela, se tivesse um aspecto de proximidade com as estrelas e, durante o dia, proporcionasse a entrada dos raios solares, dando ao fiel uma atmosfera mais mística. Seu acesso só é possível pelas duas portas que se localizam logo após o altar que fica direcionado para o pátio.

Foto 9: Capela do piso superior e seu formato cônico



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Victória de Oliveira

Já a capela do pátio, representada na Foto 10, a maior das três, uma vez que sua nave compreende a todo o pátio do santuário, tem um altar feito em pedra protegido por um monumento que simbolizam duas mãos em oblação ou oferenda, e lembra muito a estrutura dos santuários pagãos nos quais o sacerdote fazia a oferenda sobre um altar de pedra na presença do povo que se reunia no pátio. Mas, também, lembra a estrutura dos templos judaicos, quando na presença do povo e antes do templo havia a mesa de expiação. Simbolismos à parte, esse altar tem uma função muito importante: graças ao seu posicionamento e altura estratégicos, ele tem sido usado para as grandes celebrações, especialmente quando as romarias

trazem mais peregrinos do que as capelas suportam, as chamadas “missas campais”.

Desse altar foram também realizadas diversas bênçãos especiais aos peregrinos, como a bênção aos vaqueiros, aos carros que conduzem os peregrinos (atualmente os carros são convidados a ficarem em um estacionamento no pé da serra e os peregrinos subirem a pé – a exceção são os carros pequenos, de passeio).

Foto 10: Vista da capela do pátio com o altar de pedra sob o monumento



Fonte: <http://vaconferir.com.br/santuاريو-de-patu/>

Segundo os seminaristas do santuário, algo interessante e que deve ser levado em consideração nessas capelas, é o fato de que a mesa do altar na igreja superior está alinhada com a inferior, ambas feitas de pedra granítica única, ilustrada na Foto 11 a seguir, assim, de acordo com a tradição pastoral, quando o padre está celebrando a missa na parte de cima, as pessoas que se encontram na capela debaixo podem receber a comunhão e também as bênçãos concedidas na parte acima. Os altares das igrejas antigas assim como todos os lugares sagrados, em geral, são constituídos em pedra granítica única e embaixo deles, é encontrado uma pedra em sua composição, chamada “pedra dara”, observada na Foto 12 - que contém uma relíquia, em sua maioria essa relíquia é uma imagem do santo ou uma parte de algum santo.

Foto 11: Altar igreja inferior



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Adla Sousa

Foto 12: Pedra dara embaixo do altar



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Adla Sousa

Para elevar o santuário, em termos religiosos, é preciso do sacrário (local destinado a guardar as Hóstias Consagradas), da pia batismal (onde acontece o batismo do cristão, a benção inicial do Pai), e da mesa/altar (que quando possui um “pedaço do santo na pedra” indica a expressão maior que é a eucaristia, o sacramento). Essa “pedra dara” é encontrada em todos os altares do Santuário do Lima e também na pia batismal, sendo que na igreja do piso superior ela é quadrada, mais acentuada, enquanto que nos demais, é redonda.

Além da tríplice capela e do pátio (com sua casa dos milagres, lojinha de produtos do Lima e lanchonete), ainda fazem parte do Santuário o complexo habitacional, a barragem que abastece a área (inclusive muitos fieis acreditam que a água dessa barragem é benta e possui poderes milagrosos) e a estrada que dá acesso ao santuário. Aliás, essa estrada tem significado teológico-pastoral: nela pretendia-se detalhar a via sacra durante todo o seu trajeto, porém, em virtude de pouca verba e do padre responsável falecer, apenas foi lapidado uma das etapas da via sacra.

Em *Algo da História do Lima*, encontra-se que, após a transferência de Dom Jaime, em 1941, não demorou para que o padre Frederico se mudasse. Assim, em Março de 1942, veio do Rio de Janeiro o escultor Irmão Lucas Hoffmann, MSF, trabalhar na área da carpintaria com a pretensão de entalhar dois crucificados, sendo um na capela dos padres e outro bem maior na estrada que dá acesso ao

Lima. Atualmente, pode-se observar na Foto 13 o resultado do seu trabalho em uma curva da estrada, que leva o nome de Curva de Cristo.

Foto 13: Via Sacra na estrada



Fonte: <http://vaconferir.com.br/santuario-de-patu/>

CAPÍTULO 3

SANTUÁRIO DO LIMA: UMA OBRA DE ENGENHARIA CIVIL

a) localização geoespacial do Santuário do Lima

Conforme informações do site o município de Patu, o Santuário do Lima, exibido na Foto 14, está situado no município de Patu, a 700 metros do centro da cidade, com destaque no conceito excelência em turismo religioso pelos órgãos públicos e agência de turismo mundial, tanto pela organização do santuário, quanto por sua beleza estética e estrutural, além de estar localizado no topo da Serra do Lima evidenciando a vista panorâmica de toda a região.

Através do uso do aplicativo “Minhas Coordenadas GPS” foi possível encontrar com precisão as coordenadas geográficas da localização do santuário: altitude de 410 metros, latitude de -6,137377 decimal ou 6° 8’ 14,56” S e longitude de -37,643187 decimal ou 37° 38’ 35,47” W, dados estes computados com uma exatidão do sinal de GPS de 18 metros. Isso significa que a serra onde a capela de Nossa Senhora dos Impossíveis está localizada é uma região que além de ser deslumbrante, é de difícil acesso.

Foto 14: Vista de cima do Santuário do Lima



Fonte: <http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>

Essa construção é uma obra que engloba tanto as características de templo religioso, no que se refere a sua relevância psicológica e espiritual, quanto de um modelo estético de construção civil diante do qual as pessoas podem se

deslumbrar e se encantar com a sua beleza. As dimensões religiosas e tecnológicas se encontram no mesmo espaço arquitetônico como uma única e mesma obra, pois, como obra de construção civil, sua gênese é um ato religioso (a promessa); como obra religiosa, sua gênese é um ato da construção civil (a capelinha).

b) evolução do complexo estrutural do Santuário do Lima

Para que o Santuário do Lima chegasse à estrutura em que se encontra atualmente, passou pela administração de diversos padres que, aos poucos, foram dando sua contribuição para o aperfeiçoamento arquitetônico e simbólico desse complexo.

De acordo com Schoenberger (apud Dutra, Cap. 22, 2011), desde 1920, quando o então bispo de Natal, Dom Antônio dos Santos Cabral, retornando da paróquia de Patu, comunicou aos seus superiores a intenção de trazer a congregação dos Missionários da Sagrada Família para administrar e atender aos peregrinos de Nossa Senhora dos Impossíveis, que essas mudanças começaram. Em julho de 1923, o Pe. José Scholl, MSF, assinou o contrato de concessão da construção do santuário, que era apenas a capelinha, mostrada na Foto 2, e deu início à transformação do que hoje se conhece como Santuário do Lima, como visto na Foto 14.

No ano de 1927, sob direção do Pe. Francisco Scholz, MSF, foi iniciada a construção de um edifício para hospedagem dos romeiros, (Schoenberger, apud DUTRA, Cap. 11, 2011). Ainda segundo Schoenberger, apud DUTRA, no capítulo 12, 2011, relata que a reforma e ampliação da barragem foi obra da administração do Pe. Frederico Pastors, MSF, em 1935. Conta-se também, que a origem dessa construção veio com a intenção de preservar o capim que servia de alimento para o gado e os cavalos, animais amplamente utilizados para locomoção naquele período. Para isso, o padre ordenou a construção da barragem a 400 metros de onde já existia uma menor. O período chuvoso proporcionou o aterramento da barragem favorecendo um espetacular banho de bica. Em virtude de fortes chuvas a barragem acabou rompendo e assim foi necessária nova reforma na parede da mesma, dessa vez mais reforçada.

Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 26, 2011), conta que em 1945, o Pe. Fernando Muller, MSF, assumiu a responsabilidade de cuidar do santuário. Sua

primeira obra civil foi reformar a estrada que dá acesso ao santuário, aumentando o tamanho das curvas e diminuindo o ângulo de aclive das ladeiras. Também providenciou a retomada da construção para hospedaria dos romeiros, que devido às fortes chuvas, em 1947, as paredes da construção anterior, ainda em andamento, foram abaixo. A construção foi retomada e, depois de pronta, apesar de rudimentar para os paradigmas atuais, já constava com água encanada – um feito para a época e para a localidade. Esse padre ainda instalou ao lado da casa dos padres um cata-vento para o fornecimento de energia elétrica, o que atendia algumas poucas lâmpadas.

De acordo com relatos de Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 16, 2011), após a contribuição do Pe. Fernando Muller, MSF, veio em 1948 o Pe. Henrique Spitz, MSF, administrar o santuário do Lima, dando continuidade às melhorias. Em sua gestão foi feito novo aprimoramento na estrada, inaugurada em 09 de Junho de 1951. Em seguida, foi reformada a barragem, retirando terra e lama com o auxílio de trilhos, vagonetes e juntas de bois, além de muitos homens de força, deixando-a um metro e meio (1,5m) mais profunda. Nos anos que se seguiram, ele começou a construção da praça e já planejava a construção de um novo santuário e de uma casa para os romeiros.

Após esses feitos, o Pe. Henrique Spitz, MSF, foi transferido e só retornou anos depois. Ao sair, o Pe. João Begon, MSF, tomou posse adotando de imediato maneiras de conservação e manutenção do santuário iniciando a criação de gado e plantações de legumes e pasto para o gado, além de providenciar materiais para a proteção da barragem e melhorias nas curvas da estrada, como trata Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 17, 2011). Sua administração posicionou-se contra a do Pe. Henrique Spitz, MSF, quanto a levantar uma nova capela, alegando que demolir a antiga perderia parte da história, bem como que por ser uma obra antiga e possuir paredes largas de boa sustentação não seria difícil reformar. Sobre isto, Schoenberger (apud DUTRA, 2016, 2011) declara que:

Inclusive escreveu ao bispo Dom Eliseu Simões Mendes se oferecendo a fazer melhoramentos significativos na antiga igreja, tais como janelas com vitrais, novo piso, altar mais bonito, elevação do teto e uma linda escadaria na entrada, onde Pe. Henrique já havia mandado fazer escavações. Tais providências preservariam a historicidade e reduziria despesas, de tal maneira que ainda poderia sobrar dinheiro, isto é, a terça parte das ofertas dos romeiros, para ser remetido à Cúria Diocesana de Mossoró.

Logo o bispo lhe deu permissão para tal feito, contudo o santuário passava por um período de crise, com a vinda de poucos romeiros, desestimulando o Pe. João Begon, MSF, que logo começou a achar difícil a reforma, afastando-se em seguida da administração do santuário sem iniciar a obra pretendida, conta Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 17, 2011). Sucedeu-lhe o Pe. Edmundo Endres, MSF, até o retorno do Pe. Henrique Spitz, MSF, que retoma a administração e já traz consigo o projeto para o novo santuário, a planta foi feita por engenheiros conhecidos dele. Em 1973 selou um acordo com o bispo de Natal em que dizia:

[...] a quantia restante da caixa seja aplicada para a construção de uma estrada para o Santuário, de uma casa para hospedagem dos romeiros e de um Santuário espaçoso e novo, feito segundo as regras da arte cristã. (SCHOENBERGER, Cap. 20 apud DUTRA, 2011).

Construir um novo santuário era quase impossível, levando-se em consideração os custos e os lucros que a capela tinha. Mesmo assim Pe. Henrique Spitz, MSF, não desistiu. Inicialmente, fez a pavimentação britar da estrada de acesso ao Lima (que ainda estava carroçal, conforme Foto 15, depois uma reforma na casa dos padres, levantando um outro banheiro próximo a área de convivência e uma pia com água encanada em cada quarto. Também colocou telhas largas de fibrocimento no alpendre por volta da casa. (SCHOENBERGER apud DUTRA, 2011).

Foto 15: Antiga estrada – antes de ser pavimentada



Fonte: <http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>

O último ato sacramental da antiga capela ficou registrado nas arcadas do muro interno da praça do santuário, a mando do próprio Pe. Henrique Spitz, MSF:

Nas arcadas do muro interno da praça mandou escrever as principais datas, entre as quais se destacam: “Quarta-feira da Semana Santa de 1965 (14 de abril) última missa no antigo Santuário, que em seguida foi derrubado”. E: “17 de setembro de 1966 inauguração da estrada definitiva ao Lima”. (SCHOENBERGER, 2011, Cap. 22 apud DUTRA).

Dando continuidade aos seus trabalhos, fez uma murada na praça que havia sido construída no seu mandato anterior. Fez também garagens e apartamentos ao lado da casa dos padres e demoliu as casas velhas. Como preparo do início da obra do novo santuário realizou o lançamento da primeira pedra que seria construído em formato arredondado, graças a recursos estrangeiros. Como não havia interesse em manter a Capela de Iracema⁵ ordenou que fosse demolida, junto com a velha casa dos romeiros. Levantou um pórtico na entrada do santuário e outro na subida para a barragem.

Iniciada as obras da nova capela, começou a fazer a cripta e o estrado com o altar para as missas campais, coroado por um baldaquino de cimento armado. Na parte inferior os 32 pilares são constituídos em pedra para garantir a sustentação da capela de cima, como mostra a seguir na Foto 16.

Foto 16: Construção do altar campal

⁵ A capela de Iracema, situada no meio da praça onde hoje está o pátio, foi construída como forma de firmar uma promessa, tendo em vista que uma senhora com esse nome se enforcou e apareceu para o marido “José da Alma” pedindo para que fizesse uma igrejinha em seu nome.



Fonte: <http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>

Nesse tempo, começou a parte dos romeiros, fornecendo víveres, esmolas e mão de obra. A construção da murada, pórticos, ilustrado na Foto 17 e paredes são feitas no estilo da Serra do Lima, constituída de pedras granitas, das quais foram cortadas por Miguel Izídio de Lima, auxiliado por João de Eufrazio, segundo Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 21, 2011).

Foto 17: Pórtico do Santuário do Lima



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Victória de Oliveira

A Foto 18 mostra a capela do piso superior, a qual é um marco da construção civil entre os santuários nacionais:

Foto 18: Detalhe da construção da capela superior



Fonte: <http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>

Às construções seguiam-se também melhorias, não sem luta e conflitos políticos, como a instalação de energia elétrica. Até então, a energia elétrica necessária era provida por um motor movido a óleo, ilustrado na Foto 19, mas, com a vinda do Pe. Luís Kehrie, MSF, fora conseguido junto ao governo do estado a instalação da rede elétrica. Sobre isso, Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 22, 2011) escreveu:

Quando em dezembro de 1969, Pe. Luis Kehrle veio reforçar a comunidade, um dos maiores acontecimentos para o Lima, foi à instalação da energia elétrica de Paulo Afonso. Até aquele momento, a eletricidade era gerada por algumas horas, por um grande motor inglês, Ruston. O governador Monsenhor Walfredo Gurgel autorizara a instalação da rede e ceder os postes que já se encontravam em Patu, no entanto, o prefeito da época, mandou escondê-los para que não fossem entregues. Por fim, a persistência de Pe. Henrique foi mais forte e a energia chegou no início de janeiro de 1970.

Foto 19: Motor elétrico inglês Ruston



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Adla Sousa

Atualmente, o motor não é mais usado e está guardado em um armazém, como pode ser visto na Foto 19.

As obras iniciadas em 1948 foram inauguradas no dia 13 de maio de 1977. Pe. Henrique Spitz, MSF, pediu para fazer sua sepultura em pedra granítica única modelado por “Pernambuco” entre os pilares do Santuário e ali ser sepultado.

De acordo com Schoenberger (apud DUTRA, Cap. 26, 2011), após a morte do Pe. Henrique Spitz, MSF, quem assumiu o santuário foi o Pe. Silvano Schoenberger, MSF, que providenciou um desvio feito de pedras e cimento da água, que em época de chuvas compunha um riacho, para a barragem. Fez encanamento para trazer água do cacimbão que o Pe. Henrique Spitz, MSF, fizera no alto da Serra, localizado a um quilômetro (1km) dali, além de forrar a casa dos padres. Contudo, devido a alguns contratempos com a consagração teve que sair e outros padres foram dando continuidade à construção e manutenção do Santuário do Lima.

c) materiais usados no Santuário do Lima

Com o desafio de inovar e atender ao propósito religioso, Pe. Henrique Spitz, MSF, junto com o engenheiro Alberto Rethier desenvolveram um projeto arquitetônico em formato circular para a capela inferior e cônico para a superior, estando cercado por uma murada retangular, onde além do santuário também está presente a casa dos padres, o hotel dos romeiros e uma sequência de lojinhas

próxima a sala dos milagres. Esse projeto foi inovador e buscou ser autossuficiente desde o momento da sua construção, dando prioridade à mão de obra e materiais facilmente encontrados no lugar.

Para a construção da estrutura do Santuário do Lima foram extraídas pedras graníticas predominantes na Serra. O tipo de rocha presente na serra do Lima são pedras graníticas, das quais são muito resistentes ao clima da região semiárida e quando extraídas formam inselbergs ⁶ e maciços serranos. As pedras extraídas foram utilizadas em toda as construções que estão presentes no santuário, desde o pórtico da entrada em forma de arco que é trabalhado todo na pedraria, ao santuário em si, bem como nas lojinhas, no hotel, nos altares e na sepultura do padre. Na estrutura do santuário as pedras foram usadas nos pilares de sustentação e na escadaria, uma vez que são mais resistentes e duradouras que os materiais convencionais, além disso, quando aplicadas no santuário lhe atribuíram uma beleza encantadora.

O arco feito de pedras na entrada do santuário remonta aos arcos utilizados nas antigas igrejas romanas e gregas. Conforme Addis, 2009, essa estrutura semicircular é capaz de vencer distâncias e vãos maiores. Como os arcos sofrem esforços de compressão, quase todos os tipos de rochas são adequados, dentre estes a granítica, ao contrário das vigas que precisariam ser feitas de um material de alta qualidade. Além disso, como as pedras eram encontradas na serra, tornava-se mais fácil a extração, deslocamento e uso delas. Tanto o pórtico da entrada do santuário como o que dá acesso à barragem são construídos em forma de arco pleno, em que sua altura é determinada de acordo com o vão que se deseja vencer.

Addis, 2009, também fala que o formato circular da capela inferior, onde estão os pilares ao redor, feito de pedras, provocam a imaginação dos engenheiros e arquitetos tanto pelo seu formato quanto pelo espaço que pode ser deixado entre um pilar e outro, tornando a edificação ainda mais atrativa. Além de atraente, por ser de uma arquitetura circular, facilita a entrada de luz em todo o ambiente dando um aspecto de lugar mais amplo, além de facilitar a circulação das pessoas.

A igreja superior, moldada em forma de uma cúpula cônica, é feita de alvenaria, concreto e estrutura metálica, ilustrado na Foto 18, no seu esqueleto. Para

⁶ Inselbergs são morros residuais compostos de materiais mais resistentes à ação erosiva do que as áreas ao seu redor.

o revestimento, inicialmente, foi utilizado material cerâmico e alguns tijolos de vidro, que além de ornamentarem permitiam a entrada da luz natural do sol na capela; contudo, em virtude de em períodos chuvosos ocorrer várias infiltrações, foi necessário fazer um novo revestimento, dessa vez com o uso de placas de zinco, observada na Foto 10, impedindo a entrada de água, mas também da iluminação natural. Por terem essa configuração, Addis, 2009, diz que o empuxo exercido pela cúpula cônica distribui os esforços externos para os pilares abaixo e destes para a fundação.

Preferiu-se usar alvenaria na capela superior, pois, além de ser menos pesada que as pedras, possui estabilidade que independe da escala de uso, de acordo com Addis, 2009. Um aspecto que deve ser considerado é a iluminação natural, que quanto mais alta e profunda a edificação menor a luz diurna no interior da capela, sendo assim, foi preciso que a capela superior fosse mais alta do que a inferior, circular. O desempenho térmico da capela cônica é fabuloso, pois embora não possua ventilação a sua forma proporciona um ambiente refrescante, além de favorecer a acústica do ambiente, o que dispensa sistema de som durante a celebração da missa, conforme informado pelos seminarista do santuário.

d) manifestações patológicas

Em virtude do tempo de construção do santuário, algumas manifestações patológicas podem ser observadas, tendo em vista que as reformas que foram feitas por último foram de caráter superficial, como pinturas e reboco. Sem falar que tais reformas foram concentradas na casa dos padres e no hotel. Na capela do piso inferior é notável algumas fissuras nas pedras dos pilares e no chão, como pode ser observada na Foto 19, as quais podem ser devido a movimentação térmica (contração e expansão térmica), já na capela do piso superior há a presença de manchas de umidade que podem ser vestígios da infiltração. Os problemas patológicos são decorrentes de qualquer fenômeno da natureza, apresentam características externas possibilitando conhecer a causa para então fazer a manutenção para que não se propague e aumente as consequências.

Foto 20: Manifestação patológica (Fissura no chão)



Fonte: acervo do projeto de pesquisa, por Victória de Oliveira

Apesar das manifestações patológicas observadas, a igreja do santuário encontra-se em boas condições por se uma edificação antiga. No entanto, são necessários alguns reparos para melhorar o seu desempenho e para que não prejudique sua vida útil.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que o estudo sobre santuários está inserido em uma tradição que relaciona as inovações tecnológicas da construção civil com as humanas (sociologia, antropologia, arquitetura, filosofia) bem como as sociais aplicadas (turismo, direito, economia, museologia), entre outras. Isto torna esses lugares sagrados em ambientes que reúnem uma diversidade cultural que vai desde uma abordagem construtiva até um aspecto mais peculiar e teológico.

Além disso, os santuários construídos pelo homem são edificadas de acordo com o tipo e material disponível, topografia da área em que irá ser construído, além de atender os paradigmas da tradicional manifestação religiosa. Independente da sua localização ou época em que foi construído, essas obras sempre foram os mais meritórios e facilmente diferenciadas das demais pelo seu formato singular e tecnologia usada, que são as mais avançadas. Devido essa necessidade, esses lugares sagrados atraem a população devota e alguns que veem nessa construção um ambiente de trabalho e sobrevivência.

Também foi possível ter uma percepção de que o sagrado está diretamente ligado à edificação, no que se refere a todos os detalhes encontrados no santuário, tendo em vista que cada objeto, cada obra realizada possui um significado de forma a manter um elo entre as tradições religiosas e os avanços tecnológicos da construção civil.

Como o objeto de desenvolvimento do presente trabalho é o Santuário do Lima, pela análise estética realizada, mostrou que o mesmo está inserido na tradição católica da promessa, relacionada ao antigo costume de construir os santuários em cima das montanhas devotas a Virgem Maria. O seu formato inusitado, assemelhado ao cone de uma nave espacial, está aparente e tecnologicamente relacionado aos antigos santuários judaico-cristãos, mesmo possuindo uma conotação trinitária comprovando um dos propósitos da arquitetura religiosa em que se busca uma admiração um desejo de visualizar tal edificação.

Portanto, realizando uma análise semiológica da estética dos santuários, bem como do santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis de acordo com os paradigmas da teologia e da construção civil, é notável que estes lugares sagrados não são uma simples edificação ou somente um lugar de culto, mas uma mistura de ambos, trata-se de uma obra que visa atender arquitetonicamente os interesses das

pessoas, além de ser um lugar sagrado que busca facilitar a aproximação do homem com o divino.

Esse estudo é de extrema importância, já que proporciona um diferencial no conhecimento da ligação entre o sagrado e a edificação, pois a medida que se busca relacionar essas duas temáticas se descobre que há muito a saber da interligação quanto aos materiais utilizados e a formação geológica da região, a estrutura arquitetônica, a topografia e localização da construção e os paradigmas tradicionais da teologia para que se possa obter uma obra tão encantadora e cheia de simbologias como pode ser observado no santuário Nossa Senhora dos Impossíveis (Santuário do Lima).

REFERÊNCIAS

ADDIS, Bill. **Edificação: 3000 Anos de Projeto, Engenharia e Construção**. Porto Alegre: Bookman, 2009. 640 p.

CARR. Edward H. **Que é história?**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CORREIA, Karyne M. Lira. **Sacerdotes e Levitas – Lição 8**. 2009. Disponível em: <<http://mulheradventista.com/sacerdotes-e-levitas-licao-8/>>. Acesso em: 03 nov. 2016

GONÇALVES, Luís Jorge. **Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas**. Revista Santuários. Volume 1, Número 2, julho–dezembro 2014, ISSN 2183-3184, p. 13-15.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Populacional 2010**. 29 de novembro de 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997. Acesso em: 16 set. 2016

MATOS, Alderi Souza de. **Os átrios de Senhor: o significado dos templos cristãos na história**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/7103.html>>. Acesso em: 15 set. 2016.

MULLER, Frei Ivo. **Diferença entre paróquia e santuário**. Disponível em: <<http://paroquiavirtualfreiivo.blogspot.com.br/2010/08/diferenca-entre-paroquia-e-santuario.html?m=1>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

OLIVEIRA, Marina Medeiros de. **SANTUÁRIO BEM-AVENTURADA IRMÃ LINDALVA Anteprojeto de um Santuário Católico na cidade de Assu/RN**. 2014. 99 f. Tese (Graduação) - Curso de Arquiteta e Urbanista., Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. [trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg] 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004 (Col. Debates, 99).

Patu 24 Horas. **Sobre município de Patu**. Disponível em: <<http://patu24horas.blogspot.com.br/p/historias-de-patu.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

POMPA, Cristina. **Leituras do "fanatismo religioso" no sertão brasileiro.** Publicado em julho de 2004. Disponível em: http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/POMPA_Leituras%20do%20Fanatismo%20religioso%20.pdf. Acesso em: 10 Ago 2016.

Prefeitura de Patu. **Patu.** Disponível em: <http://www.paturn.gov.br/patu/>. Acesso em: 15 fev. 2016.

PRINS, Gwyn. **História e Fonte Oral.** *História e Etnologia*. n.9, p.21-43, 1993. SANTOS, M. Espaço e Sociedade: ensaios. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982

SAGRADA, Bíblia. **Tabernáculo.** Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=tabernaculo>. Acesso em: 05 out. 2016.

SCHOENBERGER, Silvano. **Capítulo 2.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em: <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+2>. Acessado em 03/11/2016.

_____. **Capítulo 6.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em: <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+6>. Acessado em 03/11/2016.

_____. **Capítulo 8. Prof. Silvano Schoenberger.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+8>. Acessado em 03/11/2016.

_____. **Capítulo 11.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+11>. Acessado em 03/11/2016.

_____. **Capítulo 12. A precariedade e outras dificuldades.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+12>. Acessado em 03/11/2016.

_____. **Capítulo 16. Primeira gestão de Pe. Henrique Spitz.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em: <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+16>. Acessado em 03/11/2016.

_____. **Capítulo 17. Administração do Pe. João Begon.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em: <http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+17>. Acessado em

04/11/2016.

_____. **Capítulo 20. Pe. Henrique retorna ao Lima.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em: <<http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+20>>. Acessado em: 04/11/2016.

_____. **Capítulo 21. Pe. Henrique Spitz e o Novo Santuário.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em <<http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+21>>. Acessado em 04/11/2016

_____. **Capítulo 22. O Incansável Pe. Henrique Spitz.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em <<http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+22>>. Acessado em 04/11/2016.

_____. **Capítulo 26. Tempos e Contratempos.** In DUTRA, Aluisio. **A Folha Patuense.** A notícia com credibilidade. Disponível em <<http://aluisiodutra.blogspot.com.br/search?q=cap%C3%ADtulo+26>>. Acessado em 04/11/2016.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005. Acesso em: 16 Set. 2016

SANTOS, Maria Neusa dos. **A festa, a peregrinação e o consumo no Santuário Santa Paulina.** 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7102995-A-festa-a-peregrinacao-e-o-consumo-no-santuario-santa-paulina-1.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis. **História do Santuário.** Disponível em: <<http://www.santuariodolima.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

SILVA, Israel do Nascimento. **O Tabernáculo - A Casa de Deus - Redenção e Remissão Pelo Sangue de Jesus.** 2013. Disponível em: <<http://www.rudecruz.com/estudos-biblicos/antigo-testamento/exodo/o-tabernaculo-a-casa-de-deus-estudo-biblico.php>>. Acesso em: 05 out. 2016.

SOBRINHO, Antônio Chaves. **O hilemorfismo aristotélico e seus reflexos em São Tomás As relações dos homens com Deus e entre si.** Disponível em: <<http://www.arautos.org/artigo/28598/O-hilemorfismo-aristotelico-e-seus-reflexos-em-Sao-Tomas.html>>. Acesso em: 30 out. 2016.

Tabernáculo. Disponível em: <http://jesusnet.org.br/tabernaculo/tab_1A.html>. Acesso em: 22 set. 2016.

TERRESTRE, Santuário. **O Serviço no santuário.** Disponível em: <<http://santuariocerimonias.blogspot.com.br/2009/07/o-servico-no-santuario.html>>. Acesso em: 22 set. 2016

VACONFERIR. **Patu e o Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis.** Disponível em: <<http://vaconferir.com.br/santuario-de-patu/>>. Acesso em: 15 fev.

VIANA, Luciana Mendes da Fonseca. **Luciana Mendes da Fonseca Viana.** 2014. Disponível em: <<http://www.ipoggo.com.br/revista-ipog/download/a-luz-natural-na-arquitetura-religiosa>>. Acesso em: 30 out. 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistados: Diego Santos e Wellison Costa

Local: Santuário do Lima, Patu – RN

Data: 08 dez. 2015

Em visita ao Santuário do Lima, foi realizada uma conversa com dois jovens seminaristas ali residentes, Diego Santos e Wellison Costa, ambos filhos do Rio Grande do Norte, onde eles nos além de nos mostrar o santuário contou um pouco da sua história.

Pergunta: Bom dia, conte sobre a história do Santuário do Lima

Diego:

Somente no século passado, cerca de 96 a 98 anos atrás, os missionários da sagrada família vieram cuidar da capelinha da lima, esta que possui esse nome derivada do doador das terras para edificação da capela, o senhor Antônio de Lima, que doou 06km de terra que se estendem da serra até a proximidade da cidade de Patu, onde se localiza o santuário.

O santuário da lima já tem vários anos de animação pastoral, só que no século passado 96 a 98 anos atrás vieram os missionários da sagrada família cuidar da capelinha da lima, esse nome lima deriva do doador das terras que doou 6km. Segundo mais ou menos pela década de 50 veio para cá Pe. Henrique alemão veio do RS que lá já tinha feito o seminário de santo Ângelo e veio para cá construir o novo santuário a diocese de Mossoró disse que ficaria sobre a tutela da sagrada família se fosse construída uma nova igreja e foi construído o santuário NSI, essa arquitetura tão interessante foi no mesmo período em que o homem foi a lua assim como uma capsula pode levar o homem à lua também pode levar o homem a deus.

Construído na década de 60, a placa de alumínio ao redor foi colocada depois devido à grande quantidade de chuvas teve as infiltrações daí foi colocado este revestimento de alumínio,

Reforma em 70 Pe. Silvano o padre e professor da UERN

1906 casa primeiros missionários da sagrada família

Lampião estava vindo de pau dos ferros e região alto oeste e diziam quem ele vinha d Umarizal e passaria ali, os padres com medo enterraram suas garrafas de vinhos e as coisas mais preciosas e lampião por ser devoto Nossa Senhora das Dores padroeira de Patu resolveu não vir mais à lima, quando desenterraram as garrafas e as coisas estava vazia. Os grandes índices de formigas tomaram os vinhos, foi enterrada na mangueira.

Casa construída a partir da vinda da sagrada família 1912 fazer uma casa de formação um seminário. Nas paredes contam a história do santuário.

Santuário dedicado a NSI devoção e os mais antigos perguntam sempre por Santa Rita algumas pessoas acham que tem o corpo de santa Rita enterrado lá, mas não é verdade.

A construção da barragem antes do santuário, mas já foi reformada após arrombamento, padre Henrique reforçou a agua provem da barragem devido serra não tem pressão para vir agua da cidade então é retirada da barragem, alguma acreditam que é agua benta devido ter sido pelo padre, na década de 30 40, não é muito profunda com 4 a 5 m, reforma na década de 50

Quem corou a santa foi missionário que fazia grandes romarias frei Damião de Bonzana, na igreja de baixo, batistério e a imagem de madeira com cetro na mão e segurando Jesus dia 21 de novembro mesmo dia de nossa senhora da apresentação a diferença é o cedro que simboliza a rainha e a outra tem um terço na mão, mesma imagem talhada, mas com uma expressão de fé maior título dos impossíveis intercede no impossível de nossa a vida nossas necessidades

Pergunta: Como era o temperamento de Pe. Henrique?

Diego:

O construtor Henrique temperamento forte e seus funcionários ali na lei e era uma pessoa não muito de rir nem brincar mas que tinha uma inteligência fora do comum de ver as pessoas faleceu na década de 70 e está sepultado no lima uma pedra única para seu tumulo pessoas senhoras que fizeram comunhão com ele, crianças

ele foi uma das mais fortes expressões da sagrada família sem ele não teria o santuário diocese deu no século 20 mas a meta é que os missionários ficariam com as terras a missão se fosse construído outra igreja pq era uma capela pequena de devoção ele construiu com ajudas que vieram d vários locais, queria elevar o santuário ao título de basílica mas foi acometido de um câncer e faleceu em recife.

Pergunta: Fale do santuário como obra da construção civil.

Diego:

Uma obra feita com pedras e duradoura em uma serra de difícil acesso para materiais de construção ele era grande empreendedor

Da serra descia a energia de Patu e linha férrea que descia e subia coisas Patu era caminho para Mossoró, progresso e energia

Superior da capela tem os tijolos de vidro ficava alinhados com as estrelas do céu profundidade

A de baixo remonta a igreja mais antiga com os bancos antigos dois confessionários e a imagem original da santa e a pia batismal expressão maior de sermos filhos de deus pelo batismo para os católicos.

Todas as pedras tiradas da serra, não são polidas somente cortadas, algumas possuem trincas de como foram cortadas, com picareta e coisas artesanais

Mostruários dos padres que residiram lá e o altar e a pia batismal são feitos em pedra única.

Wellison:

Casa de gerador não funcionar mais, garagens, depósitos jardineiro, tem mais de cem anos

A igreja doação da lima, com o tempo os cuidados eram passados de geração e, geração

Tinha a casa do zelador ao lado da pousada, mas não tem mais.

Barragem arrombou, na seca tirou a lama cheia dura um ano e meio

Era pequeno e a igreja direcionado para o sol nascente, todas antes da atual eram assim. Era um quartinho pequena demolida duas vezes até chegar nessa atual. Henrique fez um santuário mais moderno. Antes a frente das igrejas era de frente para um monte, somente a atual é de frente para a estrada, para a cidade.

A estrada feita depois antes era tudo barro.

Construída toda de uma vez, a primeira ideia de quando estava na segunda igreja era de que se faria só a parte debaixo, mas padre Henrique foi mais ousado, fez a praça destruiu a antiga e construiu essa.

O complexo foi feito toda de uma vez, o altar a pedra foi colocado primeiro

Estrutura toda de baixo depois a de cima, revestida de azulejo amarelo e azul embaixo do alumínio, pedras de vidro, com a parte de alumínio tapou por fora, somente dá para ver por dentro. A única reforma feita foi para revestir de alumínio.

Produção das pedras todas tiradas da serra, tem um morro chamado de pelado uma pedra gigantesca de onde foram tiradas as pedras.

Estrutura toda de ferro o esqueleto depois concreto. A capela de cima é muito clara, não usa sistema de som devido ao eco. Foi preciso trocar a cúpula, devido resquícios de reboco caindo e infiltração.

Devoção segundo livros de tombo veio de Portugal porque diziam ser impossível construir uma capela num lugar tão alto, a história de que ele ficou perdido.

Pergunta: E quanto a simbologia?

Wellison:

No altar tem uma pedra dara nas igrejas antigas que tem é uma relíquia do santo, uma imagem

No de cima uma quadrada mais acentuada, são para elevar o santuário em termos arquitetônico s religiosos precisa do sacrário pia batismal mesa.

Se tem um pedaço do santo tem a expressa maior que é a eucaristia o sacramento, geralmente é uma mão, aureola pedaço de santa luzia.

A pedra dara do altar Relíquias de santos em altares das igrejas antigas, não identificado o santo, colocado depois da sagração do altar

Tem um desenho cristão peixe que relembra os gregos, o coração inflamado de amor, a flor de liz existia a expressão do peixe que os mais antigos faziam este símbolo para mostrar que era cristão.

No dia de domingo não tem comercio, até trabalho para o povo tem na lima, bancas de vendas de alimentação produtos, serve de comercio e forma de vida.

Pergunta: E a sala dos milagres?

Wellison:

Coisas mais antigas dos milagres foram incinerados, feita uma cerimônia primeiro,

Maior parte do dinheiro veio da Alemanha para a construção do santuário

Sala dos milagres: a pessoa vem e colocam em forma de agradecer a graça e prece alcançada

Partes do corpo da enfermidade trazem replica para indicar onde foi curado a enfermidade pela santa,

Maioria são crianças, bonecas, fotos, partes do corpo feito de madeira, tem mais uma réplica nessa sala mandada fazer pelo padre George reitor do santuário e vigário da paróquia de Patu.

Alguns objetos são feitos doação para pessoas que precisam como muletas.